

SIRICOTICO

diário de carnaval *

• Lívia Aguiar

Belo Horizonte, 2024





Pós-Graduação Latu Sensu
CAMINHADA COMO MÉTODO
PARA A ARTE E EDUCAÇÃO
Turma_5 2023/2024

Siricotico

diário de carnaval

Lívia Aguiar

Concepção e Coordenação da Pós-Graduação:

Profa. Dra. Honoris Causa Edith Derdyk

Assistente de Coordenação:

Profa. Ma. Bárbara Melo

Direção Geral d'A CASA TOMBADA:

Profa. Dra. Ângela Castelo Branco Teixeira

Prof. Dr. Giuliano Tierno de Siqueira

Belo Horizonte/2024

RESUMO

Zine construído a partir de registros de experiências vividas pela autora, Livia Aguiar, no carnaval de Belo Horizonte em fevereiro de 2024. O trabalho também inclui observações sobre a história do festival na cidade e sobre a construção do carnaval de rua e de luta, movimento que se iniciou em 2009. Com o objetivo de trazer os leitores para dentro da experiência delirante e deambulante dos blocos de carnaval, foram utilizados trechos manuscritos do diário de percurso, fotografias digitais, polaroids, retículas em CMYK, cartografias criadas a partir de registros de GPS e textos escritos posteriormente.

PALAVRAS-CHAVE: Carnaval. Caminhada. Zine. Fotografia. Cartografia. Belo Horizonte.

ABSTRACT

A zine built from records of the author's experiences at the Belo Horizonte carnival in February 2024. The work also includes observations on the history of the festival in the city and on the construction of the carnival of the street and of resistance, a movement that began in 2009. With the aim of bringing readers into the delirious and wandering experience of the carnival blocos, handwritten excerpts from the field diary, digital photographs, Polaroids, CMYK reticles, cartographies created from GPS records and texts written afterwards were used.

KEYWORDS: Carnival. Walking. Zine. Photography. Cartography. Belo Horizonte.

carnaval
organizar desorganizar
performance
cartografia mapa
desenho
zine: objeto espacial que propõe sentidos
experimentação DIY brechó parangolé
objetos comuns viram fantasia
olhar de perto face gloriosa
tornar-se gloriosa

delirium ambulatorium
Belo Horizonte
procissão ritual
fotografia
escrita

o carnaval

lugar que se dá no
espaço e também no
tempo

algo que passa,
criando uma
dinâmica diferente e
lúdica na cidade

para ser carnaval

é preciso coincidir
pessoas com a
disposição de
carnavalizar
no mesmo
espaço e tempo

uma breve trajetória
do carnaval de
rua de BH

história da cidade
+
minha história
na cidade

Belo Horizonte
cidade jovem
carnaval jovem

festa festival que se
reinventa reconfigura
em processo
construção disputa
pelo espaço público

No começo, poeira

Belo Horizonte foi a primeira cidade “planejada” do Brasil. Inaugurada oficialmente em 12 de dezembro de 1897, com a maioria das ruas ainda por asfaltar, as árvores eram pequenas mudas. Seu apelido era **Poeirópolis** e nome oficial: **Cidade de Minas**. O povoado **Curral Del Rey** que antes ocupava o território foi totalmente destruído para dar lugar à nova cidade capital.

O apagamento do passado e a imposição do novo são parte fundante do pensamento positivista que regeu a empreitada: Ordem e Progresso. Deixaram de fora o Amor do lema original, na bandeira da nova república e na arquitetura da primeira cidade a representá-la.

Nem tudo dança conforme as regras.

Em **fevereiro de 1897**, a **1ª manifestação do carnaval** da capital mineira (ainda em construção) foi organizada pelos operários que a colocavam de pé. Desfilaram pelo canteiro de obras da Praça da Liberdade em charretes fantasiadas de flores e papel crepom.

Em **1898, 68 dias após a inauguração oficial da cidade**, o carnaval foi celebrado novamente pelos seus foliões mais devotos. Naquele mesmo ano, eles se organizaram para fazer um carnaval 'de verdade' em 1899. Foi criada a primeira organização carnavalesca: o **Club Demônios da Luneta** (que depois mudou para **Diabos de Luneta**). Em **1899**, o grupo, masculino em sua totalidade, saiu em **14 charretes alegóricas**, com direito a batalhas de confete e xavecos direcionados às mulheres que viam o cortejo das calçadas e sacadas. Em 1901, a Cidade de Minas muda de nome para Belo Horizonte e o carnaval vai sendo privatizado em clubes fechados.

Em **2024, o bloco queer Diabas de Luneta** desfilou pelo Barro Preto com um paredão de som numa caminhonete, estourando funk proibidão em homenagem a esses carnavalescos pioneiros.

Banda Mole...

Fundada em **1975**, a **República Independente da Banda Mole**, **associação lítera-etífica-carnavalesca sem fins lucrativos**, se formou com o objetivo resgatar os desfiles populares em via pública no pré-carnaval, sob os princípios de **gratuidade, animação, crítica político-social e liberdade**.

Desde seu princípio, os foliões desfilam transvestidos.

No primeiro ano, a Banda Mole saiu pelo centro com +- **100 pessoas**, animadas por uma banda de chão e uma banda de sopros de dez integrantes. Com o passar dos anos, o desfile foi crescendo e chegou a levar às ruas, em **1995, 400.000 pessoas animadas por 14 trios elétricos**.

Hoje a Banda Mole acontece no sábado de pré-carnaval, com trios elétricos que engajam milhares de pessoas e uma pegada heterotop.

... minhas origens

Rodolfo e Anamar se conheceram no carnaval, na **Banda Mole**, em **1981**.

Ele vestia as roupas emprestadas das minhas tias e foi ao desfile com o primo, depois de dividirem uma garrafa de uísque.

Ela morava na Rua da Bahia, desceu pra rua com sua amiga Marisa pra ver a banda passar, cantando coisas de amor.

Rodolfo passou por ela e ficou. Ficaram.

No dia seguinte, Rodolfo bateu à porta do prédio e chamou Anamar para ir ao cinema.

Estão juntos desde então e raramente, só por insistência das filhas, brincam o carnaval.





2009

**renascimento do
carnaval de rua e de luta
em Belo Horizonte**
celebração renovada por
múltiplas bandeiras:
feminismos antirracismos
contracolonialismos
o direito à cidade
os direitos da natureza
construção coletiva com
consciência social
caminhões-pipa financiados
pela turba brincante
morrendo de calor

bordou por dentro do tênis, onde os pés não sabem agora se andam ou se nadam. Mas ele anda, após o castigo da tempestade, sobre aquele grande trecho descoberto da passarela que liga a Rodoviária de BH ao bairro da Lagoinha. Guto toca seu pequeno tarol encharcado, de onde o som agudo busca o ritmo de canções de Carnavais do passado. E, enquanto as canta, olha para Roberto Andrés, que está igualmente fustigado e naufragado por aquela ameaça de pneumonia que também era um bloco de Carnaval. Roberto tenta jogar ao alto confetes que desmancharam no bolso ou empunha o estandarte de tecido branco e fitas amarelas, com dezenas de pequenos remendos verdes e desenhos detalhados, onde se lê: “Tico Tico Serra Copo” e “Desde 2009”. Não mais do que 30 pessoas saíram em cortejo logo atrás. Algumas outras poucas se juntaram no caminho. Todas pingando da cabeça aos pés.

Naquele domingo de Carnaval de 2011, o Tico Tico Serra Copo estava apenas em seu terceiro desfile. Contudo, o significado daquele “Desde 2009” grafado em seu brasão era grande. Demarcava uma jovem, porém já transformadora tradição da nova folia nas regiões centrais de Belo Horizonte. Em 2009, o Tico Tico foi um dos três primeiros dessa geração que foram para a rua no feriado do Carnaval, sendo os outros o Bloco do Peixoto e Bloco do Approach. Nesse ano foi criado também o Unidos do Samba Queixinho. Pioneiros de algo que coçava a língua para ser chamado de “nascimento” do Carnaval de rua na cidade. Afinal de contas, décadas se passaram com as esquinas vazias e clima de velório nos pontos

turísticos da capital durante aqueles dias. Porém, todos aqueles primeiros blocos de 2009 sabiam bem que não estavam inventando ou dando nascimento a nada. Além de sempre ter existido nas periferias, sem visibilidade ou apoio, o Carnaval de rua de BH nas regiões centrais já tinha sido enorme, colorido e vigoroso antes de se tornar fantasma.

E exatamente por isso, naquela tarde de temporal de 2011, o Tico Tico Serra Copo escolhia como percurso aquela travessia, percorrendo toda a Rua Guaicurus, subindo a passarela que corre ao lado do complexo de viadutos e chegando, do outro lado, à Lagoinha. Ao homenagear essa rua, esse bairro e a Pedreira Prado Lopes, que fica atrás, o bloco praticava uma espécie de arqueologia cultural simbólica, revirando o passado de alegria, folia e boemia que existiu na BH de antigamente, quando aquelas avenidas não estavam ali e o Carnaval fluía livremente por todo esse percurso, tendo como epicentro a saudosa Praça Vaz de Melo. O brilho, o glamour e a festa de outrora na Guaicurus e na Lagoinha deram espaço a um cenário degradado pelo impacto do crescimento urbano não planejado, pela política de remoção das populações pobres originais para longe do centro, pelo descaso com o rico patrimônio arquitetônico e cultural desmoronando em silêncio enquanto a cidade priorizava seus megaempreendimentos de muitos interesses econômicos.

E foi assim que o Tico Tico Serra Copo chegou àquela Lagoinha de Pedreira Prado Lopes

é força do progresso, mais um minuto eu peço para ver seu fim". Foi assim que o Tico Tico Serra Copo partiu em direção à estação de metrô, com seus instrumentos a tiracolo e suas maquiagens borradas, sabendo que, apesar de aquela folia ser numericamente tão minúscula, algo de muito importante estava se movendo em Belo Horizonte no início daqueles anos 10.

O que levou os três primeiros blocos desse movimento a desfilarem no feriado do Carnaval de 2009 foi um sentimento amplo, difuso e espontâneo pela ocupação e ressignificação do espaço público de Belo Horizonte. Uma insatisfação com a perspectiva de uma cidade fechada, sem canais para desaguar os encontros e as interações entre a população, voltada mais à dinâmica do consumo e da individualidade do que à da sociabilidade. O Tico Tico Serra Copo, de Roberto Andrés, teve sua origem desfilando pelo bairro da Serra, reunindo pessoas das áreas da arquitetura e do urbanismo que pensavam e questionavam o espaço urbano de BH. O Bloco do Peixoto, no Santa Efigênia, foi criado por Nian Pissolati e Elisa Marques, que desenvolviam projetos de intervenção artística e de registro em territórios da cidade. Já o Bloco do Approach surgiu com uma volta no Mercado Central e um show aberto na Avenida Brasil, por ação da banda de rock Proa e do coletivo OutroRock, em um projeto de diálogo musical com as ruas de Belo Horizonte.

Era o início da retomada do Carnaval de rua nas regiões centrais da capital mineira. O pré-carnaval, nas semanas anteriores, já existia. Havia eventos com história, público e reconhecimento na capital, como a Banda Mole, o Santo Bando ou o mais recente Trema na Linguça. Agora, essa nova geração queria ocupar as ruas durante a festa inteira. Em

dobrou e muito a aposta da ironia e da criatividade ao versar sobre a estranha apreensão de 450 quilos de cocaína em um helicóptero pertencente à família do então senador Zezé Perrela (PDT). Deu até notícia na televisão. Virou “Baile do Pó Royal”.

Em seu caráter estético e artístico, aquele novo Carnaval de rua também se desenvolvia a passos largos. Os primeiros anos, com seus tambores desordenados, espírito rock'n'roll, poucos ou nenhum instrumento de sopro ou harmônico, davam lugar a novos tempos de maior qualidade e entendimento sobre aquilo que se propunha. Entre aqueles que ficariam conhecidos como os “blocos de chão”, abertos e improvisados, grande parte da responsabilidade pela potência musical estava a cargo do já citado visionário Guto Borges e da arrebatadora Chaya Vazquez, multiartista argentina, regente musical e arranjadora que calhou de estar em Belo Horizonte e influenciar a gênese desse movimento carnavalesco nos anos 10. Já entre os outros blocos que caminhariam naquela década rumo ao modelo de baterias fechadas, com mais estruturas musicais ensaiadas e planejadas, um mestre da condução era o músico-furacão Christiano Di Souza, ou simplesmente Di Souza, maestro do Então, Brilha, com a sua enciclopédica sunga e seus conhecimentos transmitidos que impactaram massivamente a folia.

Por falar em Então, Brilha, ele e o catártico Chama o Síndico – que varreu o cora-

ções de Tim Maia e Jorge Ben na quarta-feira

Calixto, Quando Come Se Lambuza, Beijo do Wando e Balanheiros. Em 2016, o Carnaval de BH chega a 2 milhões de pessoas nas ruas e, em 2017, a 3 milhões. Nesse período, surgem blocos como o Havayanas Usadas, Volta Belchior, Roda de Timbau, Funk You, Garota Eu Vou pro Califórnia, Como Te Lhama?, Lindo Bloco do Amor e Ziriggydum Stardust. Entre 2018 e 2019, a cidade já tem mais de 4 milhões de foliões no seu Carnaval, mais de 500 blocos de rua cadastrados e alguns novos grupos, como Daquele Jeito, Bloco Circuladô, Filhos da PUC, Haja Amor, É o Amô, Pega no Piston e Estagiários Brass Band.

Uma das características do Carnaval de Belo Horizonte, ao longo da década, foi levar para as ruas a reflexão sobre contradições e opressões da sociedade brasileira reproduzidas durante a festa, sendo as principais delas a desigualdade de gênero e a violência contra a mulher. É o contexto de surgimento de alguns fundamentais blocos femininos de BH, entre eles Baque de Mina (2013), Bruta Flor (2015), Sagrada Profana (2016), Tapa de Mina (2017) e Clandestinas (2017). Enquanto crescia a luta organizada ou espontânea contra o assédio e o machismo – principalmente a partir da mensagem direta da campanha “Não é Não” –, algumas mulheres conquistavam o destaque na condução geral musical, política ou organizativa daquela catarse de milhões de pessoas. Além da já citada Chaya Vazquez, outras regentes tomaram o comando e tornaram-se faróis sobre aqueles acontecimentos. Entre elas, as gigantes Nara Torres, Dani Ramos, Dani Milena, Laiza Lamara e Dani Ponce.

2011

Meu primeiro

Cresci fugindo de BH no carnaval: a gente ia pro interior de Minas, praias tranquilas, retiros espíritas. Em 2011, Fabi, amiga de São Paulo, perguntou: _ Em BH num tem carnaval não? Assuntei e soube que tinha. Resolvemos conferir. Muita chuva, alguns blocos, poucos registros. Entendi que ali havia espaço pra mim.



2013

Recife - Olinda

calor muito calor
ques fantasias marlindas
limites? hahaha
aprendi a brincar
comecei a fotografar



de 2014 em diante

já sei brincar o carnaval
BH também estamos aprendendo juntas
eu cada vez mais embrenhada na festa
na poética na multidão na fotografia nas fantasias

2019 zine Siricotico

performance carnavalesca transformada em zine
diário de carnaval



32 de fevereiro

Filhos de Tcha Tcha

miga como cê chama?
e qual é seu arroba?
eu sou à toa?!
tô louca mas não vou esquecer
@eusouatoa
a gente se vê em todos os blocos
também gosto de ficar
nos sopros
o nariz
sou meio tímida
quando te vejo na frente
abrindo caminho
se jogando
desse jeito que você faz
tão leve
tão lívia
perco a vergonha
e me joga também

não quero ser rainha
só quero estar aqui

assim

não tô preocupada em fazer
a bonita
talvez isso assuste
o querer de alguns
e brilhe
vontades em outras

se não for pra causar
nem calço minhas sandálias

não quero saber se minha make
tá borrada
quero chafurdar nos
abraços ritmo harmonia
rolar entre as pessoas
rir olhando nos olhos
dançar estranho inventar coreões
contagiar o balanço
sem parar sem parar

descer uma ladeira no Concórdia
e encontrar sorvete de maracujá
R\$6,80 340g no pote grande
cinco pazinhas de madeira
pra dividir com a turba
cinco pra cem

o beijo doce
e fresco de boca
na boca

a última ladeira juro faz
setenta graus
subir de quatro é mais fácil
vale porque lá em cima
tem um reinado de telhado novo
um painel de tropeiro bento
um pôr do sol entre árvores antigas
que pinta nuvens com pincel largo
carregado de tinta feita na hora
uma noite clara ébria bruxuleante
que terminou em funk
teria outro jeito?

2022

Bloco do Siricotico, ano 1

carnaval não-oficial
pulou quem estava vacinade

sábado de carnaval
não ia ter bloco
na rua
(privatizado aglomerado a prefeitura deixou.
na rua não)

por que não?
a gente triplamente vacinades
saindo pra trabalhar
exaustasadoecidas pela reclusão
viva as vacinas
viva a ciência
viva o sus
viva a arte que nos mantém vivas

os corpos pedem
as mentes só pensam naquilo
nisto

as estatísticas apontam é possível

então criamos
em 24h criamos
movimento curvilíneo aleatório

Siricotico

é O fogo
que acende o cu

desejo incontrolável de
siricotucar

mover o corpo
criar sons
encontrar gente
extravasar
meter o loco
lamber o cimento





2024

como registrar as
trajetórias delirantes do
carnaval de rua
de Belo Horizonte
a partir
do ponto
de vista
da caminhada
do percurso
do que vejo no meio
do caos glorioso?

MIKHAIL BAKHTIN

A CULTURA POPULAR NA IDADE MÉDIA E NO RENASCIMENTO

O Contexto de François Rabelais



Editora Universidade de Brasília

HUCITEC

2.ª edição

renovação sobre a vida. Aqui a forma efetiva da vida é ao mesmo tempo sua forma ideal ressuscitada.

Os bufões e bobos são as personagens características da cultura cômica da Idade Média. De certo modo, os veículos permanentes e consagrados do princípio carnavalesco na vida cotidiana (aquela que se desenrolava fora do carnaval). Os bufões e bobos, como por exemplo o bobo Triboulet,^a que atuava na corte de Francisco I (e que figura também no romance de Rabelais), não eram atores que desempenhavam seu papel no palco (à semelhança dos comediantes que mais tarde interpretariam Arlequim, Hans Wurst, etc.). Pelo contrário, eles continuavam sendo bufões e bobos em todas as circunstâncias da vida. Como tais, encarnavam uma forma especial da vida, ao mesmo tempo real e ideal. Situavam-se na fronteira entre a vida e a arte (numa esfera intermediária), nem personagens excêntricos ou estúpidos nem atores cômicos.

Em resumo, durante o carnaval é a própria vida que representa, e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real. Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência.

O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de ritos e espetáculos cômicos da Idade Média.

Todas essas formas apresentavam um elo exterior com as festas religiosas. Mesmo o carnaval, que não coincidia com nenhum fato da história sagrada, com nenhuma festa de santo, realizava-se nos últimos dias que precediam a grande quaresma (daí os nomes franceses de *Mardi gras* ou *Carême-prenant* e, nos países germânicos, de *Fastnacht*). O elo genético que une essas formas aos festejos pagãos agrícolas da Antiguidade, e que incluem no seu ritual o elemento cômico, é mais essencial ainda.

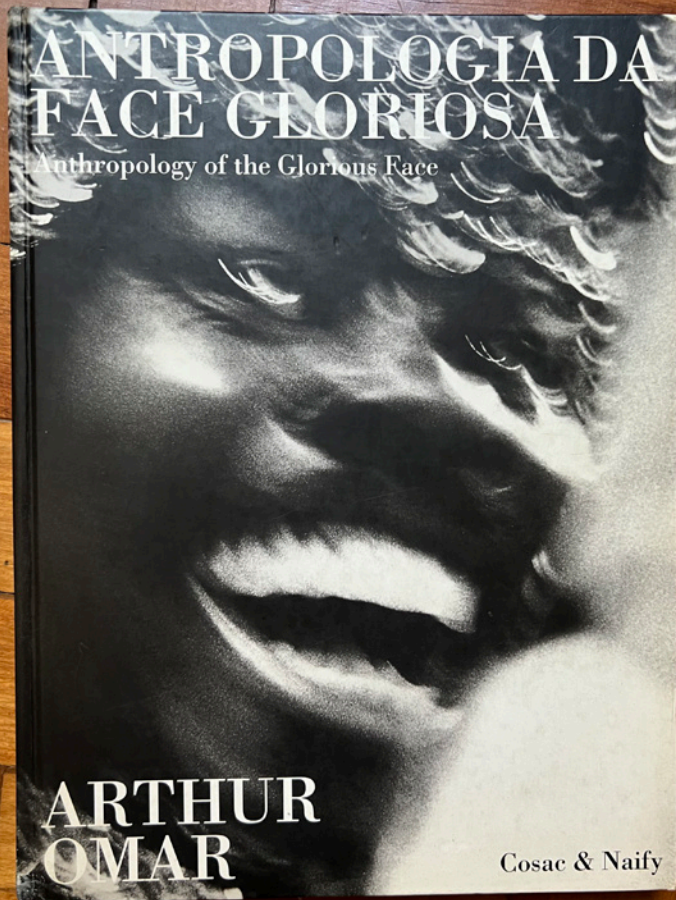
As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo. Os “exercícios” de regulamentação e aperfeiçoamento do processo do trabalho coletivo, o “jogo no trabalho”, o descanso ou a trégua no trabalho nunca

^a Fevrial ou Le Feurial, era o bobo da corte de Francisco I e de Luís XII. Ele aparece repetidamente em Rabelais com o nome de Triboulet (NT inglesa).

que as formas do espetáculo teatral na idade Média se ap-
na essência dos carnavais populares, dos quais constituíam até certo
ponto uma parte. No entanto, o núcleo dessa cultura, isto é, o carna-
val, não é de maneira alguma a forma puramente *artística* do espe-
táculo teatral e, de forma geral, não entra no domínio da arte. Ele se
situa nas fronteiras entre a arte e a vida. Na realidade, é a própria
vida apresentada com os elementos característicos da representação.

Na verdade, o carnaval ignora toda distinção entre atores e espec-
tadores. Também ignora o palco, mesmo na sua forma embrionária.
Pois o palco teria destruído o carnaval (e inversamente, a destruição
do palco teria destruído o espetáculo teatral). Os espectadores não
assistem ao carnaval, eles o vivem, uma vez que o carnaval pela sua
própria natureza existe para todo o povo. Enquanto dura o carnaval,
nao se conhece outra vida senão a do carnaval. Impossível escapar a
ela, pois o carnaval não tem nenhuma fronteira espacial. Durante a
realização da festa, só se pode viver de acordo com as suas leis, isto é,
as leis da liberdade. O carnaval possui um caráter universal, é um
estado peculiar do mundo: o seu renascimento e a sua renovação, dos
quais participa cada indivíduo. Essa é a própria essência do carnaval,
e os que participam dos festejos sentem-no intensamente.

A idéia do carnaval foi percebida e manifestou-se de maneira muito
sensível nas saturnais romanas, experimentadas como um retorno



São aquelas que vivem atitudes de passagem. Porque não duram mais que breves instantes, frações de sentimentos alterados entre a alegria e a tristeza, o amor e o ódio, o entusiasmo e a retração. Não são nem uma coisa, nem outra, mas tudo ao mesmo tempo. Evocação de períodos míticos e selvagens. Faces que vivem sentimentos gloriosos, e gloriosos tormentos.

Por analogia com a noção de “corpos gloriosos”, que, segundo a doutrina católica, são os corpos existentes no céu e prontos para a Ressurreição, os sentimentos gloriosos são todos aqueles situados levemente acima do normal. Embriaguez, fascinação, paixão, comição, desvario, frenesi. Através deles, o homem atinge uma outra ordem de experiência. Sua casa é outra, já não está mais protegido pelo recesso do lar, ou pelo quadriculado do trabalho.

A Antropologia da face gloriosa procura estudar “cientificamente” esses sentimentos, à maneira de uma antropologia debruçada sobre o bárbaro, o difuso, o transversal da nossa realidade de brasileiros. Mas como são gloriosos, é necessária uma ciência ligeiramente diferente do normal para abordá-los. Daí a Fotografia.

a sugestão de tribos estranhas, nações africanas desconhecidas, ou periferias obscuras de alguma cidade sem nome. Justamente o objeto de uma certa abordagem antropológica. Mas aqui, antropologia se torna sinônimo de proliferação poética. E humor. E simulação.

Nesta antropologia, quanto maior é o trabalho técnico de dilaceração dos contrastes, explosão da granulação, recorte e superposição das camadas, reenquadramento sucessivo através de recopiagens e aberração de espaço circundante, tanto mais arcaica é a música que se faz ouvir através do enigma visual resultante.

Mas como o fotógrafo iria identificar as faces gloriosas em meio a tantas faces normais se aquelas passam vertiginosamente, nunca se dando ao olho nu? Simplesmente entrando em fase com elas, ou seja, tornando-se ele próprio glorioso, uma face gloriosa, a reagir por simpatia ultraveloz, vibrando no mesmo registro que o seu objeto. O ato fotográfico como gnose. Uma foto-gnose.

E assim, a fotografia mergulha na multiplicidade sem nome dos sentimentos gloriosos. Na revelação de cada foto, uma larga margem de Brasil se revela e se cristaliza definitivamente. Dando-se à contemplação, sob a forma de uma face enigmática. Cada face gloriosa é o anteparo de todo um mundo. Mundo que se abre por detrás dela.

O Brasil não é apenas o país que se sabe, mas a soma absurda de uma infinidade de mundos subjetivos e experiências rituais, muito além do que qualquer sociologia, ou qualquer história, ou qualquer psicologia conseguiria apreender. O Brasil é a soma das faces gloriosas que ele possa sustentar. Aritmética dos êxtases. Este livro oferece 161 espelhos, para facetar o trajeto do espectador.

tas e obscuras sem conter nenhuma forma estampada sobre elas, margens negras, longos borrões de massa fotográfica pura, turbilhões de grãos girando num vazão negro à espera de um Pacificador.

Antropologia Não-Colonial

- A Antropologia da Face Gloriosa é a primeira prática antropológica inteiramente liberta da idéia colonial. Com ela, de fato, há uma reversão total da posição colonial, e do movimento que se estabelecia entre o olho e o ser olhado, determinado por relações de poder mais ou menos assumidas, mas inevitáveis. Antes dela, mesmo que com todas as precauções do respeito e de um pensamento político radical, o movimento do olho antropológico e fotográfico era o de um descer ao nível do outro. Um movimento para baixo, de debruçar-se sobre outrem, seja para estudá-lo, seja para salvá-lo, seja para desejá-lo, seja para matá-lo. Uma posição superior que se desloca em direção a algo colocado em posição inferior no tabuleiro vertical desse jogo, mesmo que esse gesto voluntariamente tenha abdicado de qualquer intenção de domínio, de subjugação, de superioridade na ordem da cultura.

A Face é o que Sobe

- Com a Antropologia da Face Gloriosa, a situação se inverte totalmente, e, pela primeira vez, num campo dito antropológico, pode-se falar da abolição de qual-

A Guer

- tida, n forma no ins olhar nada. guém cula r nome tece, vela êxtas lozes tos c mul: prop

A Tr

tra no lece no

O I

do:

o nervo da sua arte. Os primeiros a registrar imagens exteriores e naturais, eram, devido ao longo tempo de exposição exigido, ao peso e dimensões da aparelhagem, e à complexidade do processo, verdadeiros *ateliês ambulantes*. Sua função era basicamente cenográfica e de organizadores da composição. Em suma, pintura e fotografia eram semelhantes, não apenas porque seus resultados se pareciam, mas porque *o corpo do pintor e o corpo do fotógrafo se comportavam da mesma maneira.*

celular
A câmera portátil vai, pela sua própria estrutura interna, gerar um fato novo, inédito, que chamaremos de *ato fotográfico*. Ali algo se libera, algo se desprende como potencial dessa caixinha, algo só possível por causa dela. Uma nova relação com a luz. Uma nova relação com o tempo. Através da máquina, o sujeito que se entrega a ela se vê impelido a um tipo de consciência específico, repadronizando automaticamente sua postura diante do objeto, entendendo-se por postura inclusive a postura física. Há coisas que só podem ser vistas e produzidas em situação de *ato fotográfico*, ou seja, através da existência da câmera.

Não que a câmera seja o super-olho construtivo, teorizado na década de 20, mas porque, ao inserir-se no circuito dela, o fotógrafo passa a *desejar de modo diferente*. Fotografar torna-se uma ação, um agir em si mesmo e dentro de si mesmo. E, apesar de diferente ao do ato de escrever, com idêntico grau de complexidade.

Seria preciso realizar a anatomia desse ato fotogrâ-

lhor dentro de uma série. Os fotogra-
isso. Mas com a Antropologia da Face Gloriosa era di-
ferente. Às vezes, num filme de 36 chapas, eu abordava
36 pessoas diferentes.

O Ato Justo

- Então eu descobri que a relação com o outro, nesse tipo de trabalho, acontece uma vez só. Num momento radical. E só ele interessa. Aquela coincidência, velocíssima, violentíssima, e pronto. Tomar ou largar.

O Avatar Veloz

- O êxtase do outro é dado vislumbrar num instante mais breve que a capacidade da nossa consciência para dar conta dele. Você viu, esteve lá, mas nunca ficou sabendo. A rigor, nesse tipo de trabalho não há nada para ver, pois não se trata de um investimento da visão. É mais uma questão de rítmica vibracional, bater na mesma frequência. Um coincidir, um incidir no mesmo ponto.

O Instante Cego e o Click/Sabre

- A caça de faces gloriosas. Aqui a fotografia surge menos como investigação ativa do mundo visível que como técnica passiva de desconhecimento. Tudo se passa num instante cego, porque mais curto que o tempo necessário para olhar. A face gloriosa surge, o fotógrafo se ilumina como ela. Face gloriosa contra face gloriosa. Fotógrafo e face, quando nesse estado glorioso, a rigor não se vêem, não há reconhecimento, não há mesmo previsão de uma imagem, há apenas um sabor de evidência, uma certeza sem corpo que atravessa o campo em diagonal. Um golpe. Um único golpe. O click/sabre.

O Olhar e a Memória

- O olhar entra mesmo em ação é com a foto pronta. Olhar a foto. Uma verificação, como se fosse chegada a hora do confronto com a memória, mas que será sempre uma falsa memória, falsa porque impossível.

pi-lo como um objeto de memória. Mas o instante, a fagulha realmente instantânea do momento, a memória não tem poder para agarrá-la, porque a fagulha não tem corpo, ou seu corpo é tão fugaz que tende a zero, como um ponto na superfície do tempo.

A Face Gloriosa Não Fica na Memória

- Assim, quando tratamos de faces gloriosas, que são movimentos de onda produzidos no espaço vazio



**FRANCESCO
CARERI**
CAMINHAR E PARAR

GG

Aonde as setas vazias fazem nascer o amor
donde autónomas productions du sens
secernent improvisos pátios de consciência

Erramos tras landas instabiles
tra stati d'animo fortuitamente revelados
besides las islas de la rappresentazione
beyond los mares de l'esperienza

Territoire

Arquitectura is a beach
Fazer amor antes
de fazer um projeto

Territoire is a neighbour
an autonomous producer of space!
that makes questions about tiempo

! { Territory itself wants a revolution
quiere nuevas historia y geografía
cherche l'emancipation de ses passions
desidera un'erotizzazione senza limiti

aparecer como políticos, administradores, arquitetos, urbanistas, despachantes ou coisas assim. Essas figuras produzem nos neobabiloneses expectativas de mudanças epocais (infelizmente, muitas vezes também de apagamento do mundo que haviam construído para si), enquanto os artistas têm a capacidade de produzir curiosidade, no máximo indiferença, mas não medo. A arte não assusta nem os habitantes nem o poder; é recebida como uma atividade inócua, talvez até útil, sem poder, sem capacidade projetual. Essa é sua grande força. A arte é capaz de pegar desprevenida a cidade, pegá-la de modo indireto, lateral, lúdico, não funcional, de tropeçar em territórios inexplorados, em que nascem novos fenômenos e novas questões, de entender seus valores simbólicos e de produzir ações e imaginários imateriais, muitas vezes mais úteis do que a planificação e a edificação física dos lugares.



Elogio aos errantes

PAOLA BERENSTEIN JACQUES

2ª Edição com Prefácio de STELLA BRESCIANI



aquele que busca um estado de corpo errante, que experimenta a cidade através das errâncias, que se preocupa mais com as práticas, ações e percursos, do que com as representações, planificações ou projeções. O errante não vê a cidade somente de cima, a partir da visão de um mapa, mas a experimenta de dentro; ele inventa sua própria cartografia a partir de sua experiência itinerante. Essa postura crítica e propositiva com relação à apreensão e compreensão da cidade, por si só, já constitui uma forma de resistência tanto aos métodos mais difundidos da disciplina urbanística – como o tradicional “diagnóstico”, baseado majoritariamente em bases de dados estatísticos, objetivos e genéricos – quanto ao próprio processo de esterilização da experiência, de espetacularização das cidades contemporâneas e de pacificação de seus espaços públicos. As narrativas errantes foram escritas nos desvios da própria história do urbanismo. Elas constituem outro tipo de historiografia, ou de escrita da história, uma história errante, não linear, que não respeita a cronologia tradicional, uma história do que está na margem, nas brechas, nos desvios e, sobretudo, do que é ambulante, não está fixo, mas sim em movimento constante.

Denise Bernuzzi de Sant'Anna

corpos de passagem

ensaios sobre a
subjetividade contemporânea



CORPO SEM LIMITES E TOTALITARISMO FOTOGÊNICO

Um corpo em reconstrução é infinito. A artista Orlan insiste nesta possibilidade quase demiúrgica em suas cirurgias: reconstruir o próprio corpo transformando-o em território de espetaculares explorações e inusitadas metamorfoses; testá-lo, colocá-lo à prova, expô-lo de diversas maneiras diante das câmeras e dos próprios olhos.

Por vezes, as intervenções no corpo não evocam a sua ruína. E noutras, o radicalismo das metamorfoses corporais repete um antigo medo: a impossibilidade de tornar o corpo cognoscível, legível, eloqüente sobre si mesmo, humanizado. Sensível às reconfigurações atuais do corpo, o filósofo José Gil salienta o quanto elas parecem querer “descobrir uma língua do corpo à qual se subordinaria qualquer terapia ou outra forma de linguagem”¹.

Pernas juntas, vestidos compridos, cabelos seguros por grampos e laquê, seios dentro do sutiã de bojo, ventre comprimido por “cinturita”: até meados da década de 1950, é comum encontrar esse tipo de corpo feminino nas revistas brasileiras. Não demorará muito contudo para que nele seja apontado um excesso de rigidez, uma artificialidade intolerável para os emergentes brotinhos, novas candidatas à aquisição de liberdade corporal e autenticidade

A MULTIDÃO E FLÁVIO DE CARVALHO

Ato. Te encontro na rua. Você, alto, na rua. Você e seu chapéu verde na rua. Você se encontra na rua. Estar na rua: por que não fazer uma experiência? Você anda. Não será já uma experiência? Você anda na rua. Você anda no sentido contrário. Você entra no fluxo. Você é o contra fluxo. Você é o fluxo no contrafluxo. Fazer uma experiência. Fazer da experiência a experiência. Andar. Andar contra. Encontrar aqueles que não são você. Encontrar o outro nos outros. Encontrar você nos outros. Andar. Andar na rua. Andar pelo meio deles. Seguir a experiência. Seguir experimentando pelo meio deles. Do que eles serão capazes? O que eles poderão fazer? Qual é o limite da experiência? A própria experiência. O corpo próprio. O corpo: eixo de intensidades. Levar seu corpo ao limite da experiência. Levar ao limite do encontro, os outros. Levar ao encontro de seus próprios outros. Seguir caminhando contrafluxo. Fluxo de intensidades. Experiência. Sentir os limites. Sentir o ódio. Provocar o ódio. Sentir medo. Provocar o medo. Sentir a fuga. Fugir. Escapar. Sua razão escapando. Seu corpo escapando. Seus limites sendo colocados. Sentir seus corpos pulsando. Experiência. Experiência N.2. Experiência da experiência. Correr pela rua. Correr pelos gritos. Correr pelos ódios. Correr pelos limites. Correr até uma padaria. Escapar do ódio. Escapar da fúria. Se esconder no teto de uma padaria. Buscar entender. Buscar entender sua experiência. Sentir seu corpo. Você não pode entender. Você só pode sentir. Você só pode experimentar sua experiência. Você sabe que você só pode experimentar sua experiência. Você: seu corpo. Te encontro na experiência.

Jorge Larrosa

Tremores

Escritos sobre experiência

autêntica

Notas sobre a experiência e o saber de experiência

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

2. Até aqui, a experiência e a destruição da experiência. Vamos agora ao sujeito da experiência. Esse sujeito que não é o sujeito da informação, da opinião, do trabalho, que não é o sujeito do saber, do julgar, do fazer, do poder, do querer. Se escutamos em espanhol, nessa língua em que a experiência é “o que nos passa”, o sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície sensível que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz alguns afetos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos. Se escutamos em francês, em que a experiência é “ce que nous arrive”, o sujeito da experiência é um ponto de chegada, um lugar a que chegam as coisas,

CARTA ABERTA A JOHN ASHBERY

A memória é uma ilha de edição – um qualquer passante diz, em um estilo nonchalant, e imediatamente apaga a tecla e também o sentido do que queria dizer.

Esgotado o eu, resta o espanto do mundo não ser levado junto de roldão.

Onde e como armazenar a cor de cada instante?

Que traço reter da translúcida aurora?

Incinerar o lenho seco das amizades esturricadas?

O perfume, acaso, daquela rosa desbotada?

A vida não é uma tela e jamais adquire o significado estrito

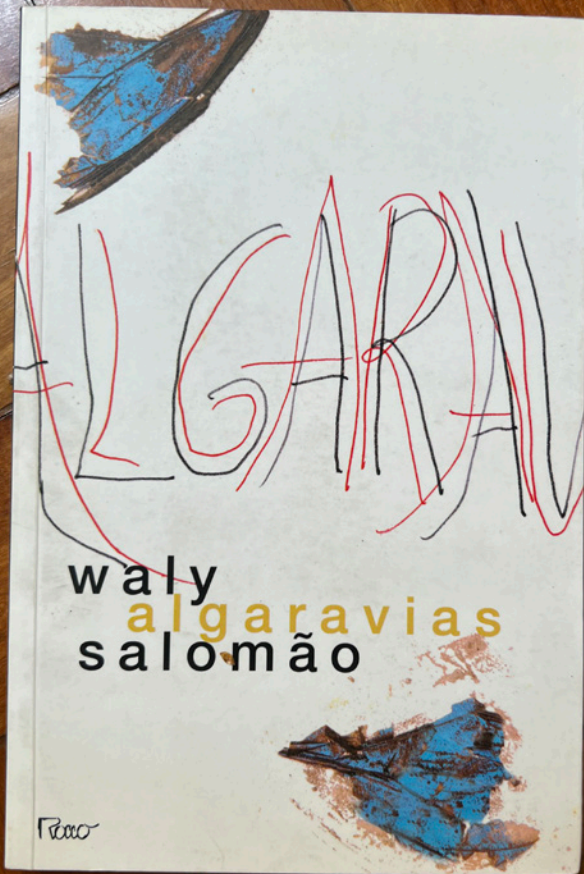
que se deseja imprimir nela.

Tampouco é uma estória em que cada minúcia encerra uma moral.

Ela é recheada de locais de desova, presuntos, liquidações, queimas de arquivos,

divisões de capturas,

apagamentos de trechos, sumiços de originais,



WALKING AND MAPPING

ARTISTS AS CARTOGRAPHERS

KAREN O'ROURKE

reach anyone else.

Lalya Gaye notes that when the prototype was tested, users felt that the city was more in control of the music than they were and tried to regain this control by actively seeking appropriate urban contexts or by modulating city input with their body posture." In this way, what seemed at first to be frustrating led "to new kinds of improvised behaviors and creative use of physical space."²⁹

Picking up where *Sonic City* left off, a recent project in development, *Interac Wearing* by the group Experimentae Electricae,³⁰ allows users who are wearing special suits to make sounds that others can hear and respond to. The collective call them "functional interactive textiles" since they were built to foster group interaction. When I tried one out in June 2009 during a prototyping session at the Paris festival Futur en Seine, the interaction was still at an early stage. Each of the beige jumpsuits had loudspeakers that were sewn into the collar and sensors in the hem of the pants. Instead of groping for switches and squinting at tiny screen menus, the wearer could focus on the experience of moving through space. I glimpsed other users strolling around in similar outfits but was not able to determine if or how our actions affected each other.

Drawing by Walking

In their article "Beyond Locative Media," Marc Tuterts and Kazys Varnellis divide locative media projects into two groups: "annotative—virtually tagging the world—or phenomenological—tracing the action of the subject in the world."³¹ Following in Richard Long's footsteps, a number of artists have taken to locating themselves as they move around the world, but now they use GPS as a drawing medium. GPS devices can be made to produce sketches on paper, on screen, or on other surfaces. The artists use their own and others' bodies to make trails that often are intended to last. Jeremy Wood describes his own approach: "The work is located in the actions and methodologies of drawing. GPS drawings are exhibited as printed editions and sculptures as part of ongoing research into writing over the earth and drawing with ourselves as we move."³²

Suely Rolnik

Transformações
Contemporâneas
do Desejo

CARTOGRAFIA SENTIMENTAL

Capítulo VII

O cartógrafo

A prática de um cartógrafo diz respeito, fundamentalmente, às estratégias das *formações do desejo no campo social*. E pouco importa que setores da vida social ele toma como objeto. O que importa é que ele esteja atento às estratégias do desejo em qualquer fenômeno da existência humana que se propõe perscrutar: desde os movimentos sociais, formalizados ou não, as mutações da sensibilidade coletiva, a violência, a delinquência... Até os fantasmas inconscientes e os quadros clínicos de indivíduos, grupos e massas, institucionalizados ou não. g

Do mesmo modo, pouco importam as referências teóricas do cartógrafo. O que importa é que, para ele, **teoria é sempre cartografia** – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha (inclusive a teoria aqui apresentada, evidentemente). Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo que oferecer matéria de expressão e criar sentido,

Leslie Kern

CIDADE FEMINISTA

A LUTA
PELO ESPAÇO

EM UM MUNDO

DESENHADO

POR HOMENS



mentos e fracassos. Eles animam tudo o que penso sobre o que uma cidade feminista poderia e deveria ser.

Sempre penso em mulheres em fúria tomando as ruas das cidades: as sufragistas marchando pelo Hyde Park; mulheres trans negras e *drag queens* na linha de frente contra a polícia em Stonewall em Nova York; as líderes feministas gays do Black Lives Matter em Toronto interrompendo a Parada do Orgulho LGBT 2016; cerca de cinco milhões de mulheres em Kerala formando uma corrente humana para reivindicar mesmo direito de acesso ao templo. Ao longo da História, as mulheres usaram a cidade tanto como local quanto como lanças de luta, como afirmou o filósofo marxista francês Henri Lefebvre.¹⁷⁷ Em outras palavras, a cidade é o lugar para ser ouvido; é também o lugar pelo qual lutamos. Lutando para pertencer, para nos sentirmos seguras, para ganhar a vida, para representar nossas comunidades e muito mais.¹⁷⁸

Qualquer tentativa de esboçar uma visão da cidade feminista deve considerar o papel do ativismo. Raramente, ou nunca, os grupos marginalizados “recebem” algo – liberdade, direitos, reconhecimento, recursos – sem luta. Seja o direito de votar, de pegar um ônibus ou de entrar em espaços de poder, as pessoas sempre tiveram que exigir mudanças. Às vezes, essa demanda assume a forma de protesto público.

sobre a moral

Albert Camus

“As nuvens se acumulam acima do claustro e a noite pouco a pouco assombra as lápides onde se inscreve a moral que atribuímos àqueles que estão mortos. **Se eu tivesse que escrever aqui um livro de moral, ele teria 100 páginas, e 99 ficariam em branco. Na última, eu escreveria: ‘Eu não conheço senão um só dever e este é aquele de amar’. E, para o resto, eu digo não. Eu digo não com todas as minhas forças.** As lápides me dizem que isto é inútil e que a vida é como o sol que nasce e se põe. Mas não vejo o que a inutilidade subtrai à minha revolta e sinto o que ela acrescenta”

Albert Camus
(setembro de 1937)

Publicação materializada por
Djuly Gava e Daniel Leão, 2016
Editora Miríade (hoje: editora editora)
<https://www.editoraeditora.com/sobre-a-moral>

diário de caminhante
Lívia Aguiar
carnaval 2024
Belo Horizonte

sobre a moral

Albert Camus

2024
CARNAYAL
CARNARAL
CARMARAL
AMOR ALL
AMORAL
IMORAL
IMORTAL



3/2 Ih começa bater o sino e o

Minha pele arde em febre o corpo
vibra involuntariamente

danço imaginando coreografias
a rádio da minha cabeça está

sintonizada em marchinhas, sambas,
axés, funks, breguices, e só o que
eu quero cantar dançar coreografar

Bom dia Bom dia!

Feliz Carnaval pra nós ^{processo} tudo
pra mim! Cheguei só pra isso,
me preparar café da manhã reforçado
fantasia recei chutada, make no
lugar por enquanto. Depois, ih
depois vem o sol o suor as

Mamá na Vaca

3/2 sábado
2004 montã. tarde

Cheguei em BH pro Mamá na Vaca, uma semana antes do começo oficial do carnaval.

Vários blocos já fizeram seus cortejos, semana passada teve o Sagrada Profana, fanfarra feminina que eu amo, mas não deu pra vir antes. Cheguei pro Mamá na Vaca.

O primeiro bloco da nova fase do carnaval de rua: desde 2009. Começou antes do movimento da Praia da Estação, a galera do bairro misturada com a galera das artes, convocada pelo Guto Borges. A família Borges inteira participa do bloco desde o começo. O tema, claro, é vaca. Muitas pessoas usando estampa de mancha preta sobre fundo branco, mas a galera responde ao chamado com tudo: estandarte de caveira de boi chifrudo, Ciana e Sarah vieram de capim, tinha caubói viado, fantasia de queijo e demais laticínios, vários outros animais de fazenda.

Eu vim de passarim que pousa na cerca do pasto. Muito propício já que eu fiquei na cabeça da corda, cerca do bloco, brigando com o oficial da prefeitura que insistia em avançar rápido demais, empurrando foliões pela frente

e a bateria por trás. Corda física é violento, prefiro mesmo a imaginária, mas nas ruas apertadas do Santo Antônio e com o volume de público que o Mamá reúne, difícil.

O trajeto é mais ou menos o mesmo desde 2009: começamos na Praça Cairo, entramos um cadim pra dentro do Morro do Papagaio passando na frente do Muquifu, o museu dos quilombos e favelas urbanas, daí vamos descendo praticamente em linha reta pela Santo Antônio do Monte até encontrar a Leopoldina.

Finalizamos em frente à estátua da anunciada vaca onde todos queremos mamar, vaca de bronze instalada na esquina da Leo com a Contorno. "Mamá na Vaca já desceu lá na vaquinha", canta o hino do bloco de amanhã: Tetê a Santa.

14km 19.333 passos 2 a 6,8 km/h







MAMÁ NA VACA

MAMÁ NA VACA. MAMÁ NA VACA. MAMÁ NA VACA. QUEM NAO

BLOCO MAMÁ NA VACA

Musical score for Trombone, featuring the title "MAMÁ NA VACA" and the subtitle "BLOCO MAMÁ NA VACA". The score is written in bass clef with a key signature of two flats (B-flat and E-flat) and a 4/4 time signature. It includes an "INTRO" section and two main sections, A and B. Section A contains two staves of music with rhythmic patterns and dynamics markings like *mf*. Section B contains two staves of music with rhythmic patterns and dynamics markings like *mf*. The score concludes with a "D.C. al Fine" marking.

INTRO

4 4 2 1 2 4 1 3 1 1 3 3 1 3 2 1 1 2 3 4 1 1 3 1

A

1 2 3 1 1 2 3 1 2 1 3 1 1 1 1 3 1 1 1 3 1 1 1 3 1 1 1 3

B

3 1 1 2 3 4 3 2 2 1 3 1 1 1 1 1 3 1 2 2 2 2 4 4 2 1 2 4 1 1 1 1 1 3 1 4 4 4 2 1 2 3 3

D.C. al Fine

TROMBONE

BEAGÁ 19

Mamá na Vaca

Mamá na vaca
Mamá na vaca quem não quer?
Mamá na vaca
Mamá na vaca
Pois o melhor da vida é

Essa vaca ela veio de lá
Das terras de Ali Babá
Rodou o mundo
Parou no Brasil
Terra linda, céu de anil
Ô abre alas pra ela passar
Que hoje eu quero mamar!

renascimento

reencontro

recontrato

com a vida

reconexão

com a
vida

15 anos de arrebat...
cada ano é mais diferente



cerveja é só porque não
que delícia, quero esse perfume
todo dia

é calor, é chero, não tem
onde fazer xixi, é aperte de

empurrar — empurrar

com essa miébele com tranquilidade



... não sei, pessoalmente eu não sei ler
... sem entrar com o estender, eu
... aperte o canhoto. Mas o canhoto
... não se faz nada, eu só uso o dedo
... a voz segura, o olhar afiado
... é pa-las, muitas vezes eu erro
... meus vãos. Alguém sabe eu não
... sabe e vãos



eu só sei que vale a pena
a pena, a pena
a pena, a pena
a pena, a pena

vale cada segundo
é aqui o meu habitat
natural

o nosso, where we belong

re-corda de fundo de fora
conceito aberto

a fama dos eu recebo
o certo agradeço

reivendo

devalvo em sombras

a sua vibração e mufaboa,

vozes e ludo

soo existe gente feia, existe

gente ruim

credo guro dia tehen

meu santo só bate na ^{onda} alta

dezenar sirfa nas ondas do

mar de brilho do jubila

estase sob o sol. É só o
concep

Mamã na Vaca

3/2

sábado
manhã
tarde



14Km

19.333 passos

20-6,8 Km/h

Tetê a Santa

4/2 domingo
2024 manhã + tarde + noite

Nossa procissão, peregrinação profana por vilas, ocupações e favelas, da manhã à noite. O trajeto é tão longo e feito com tanta pressa que não precisa de corda, vamos indo caminhando e dançando na maciota, anarquicamente. Tetê a Santa começa 10h na Praça Duque de Caxias em frente ao Cine Santa Tereza.

Várias vestidas de santas, eu com minha cabeça de Nossinhora Orixá, com halo em volta da cabeça e franja cobrindo o rosto. Descemos em direção ao rio, acompanhamos a linha do trem pra dentro da Vila Dias. Primeira parada no Circo Gamarra, polo cultural da vila: primeiro banho de mangueira e números circenses com fogo, bambolês, malabares e monociclos. Cruzamos a linha do trem e o ribeirão Arrudas pela passarela da estação Santa Efigênia, seguimos pela Andradas. Entramos na Vila Ponta Porã, parada tradicional na quadra da vila, o pessoal tá preparado pra nossa chegada: nos vendem caldo, cachorro-quente, cerveja gelada.

Seguimos! Atravessamos a Contorno, para-dinha rápida na praça Floriano Peixoto pra sambar na cara do 1º batalhão da PM. Um banquete de frutas nos recebe na Ocupação Luiz Estrela, onde o Bloco Comum de artistas e ativistas se junta à turba.

Encontrei a Anna Urbieta, fotógrafa que vende polaroids nos blocos, e tirei as primeiras instantâneas do ano. Subimos mais um cadim, ritual girar pra frente e pra trás na rotatória da Manaus com Padre Marinho (quem começou essa história maluca?), descemos um cadim, depois à direita em direção à entrada do Aglomerado da Serra pelo Novo São Lucas.

O Bloco Rola Cansada nos espera, nativo do Serrão desde 2019, uma bateria foda que humilharia a nossa se isso fosse uma competição. Mas não disputamos: nos juntamos.

Subimos uma ladeira impossível de íngreme até o mirante do Novo São Lucas. Ano passado caiu um pé d'água que transformou as vias em cachoeira e nós em rapelistas, mas esse ano o céu estava firme lá em cima. Da vista bonita nas últimas horas de sol, descemos em direção ao asfalto por uma rua um tico mais larga até um paredão de funk no bar do Zé quase na saída da favela, nosso ponto final.

Dali, Tetê a Santa se dispersa sem se despedir. Dissolve-se em corpos dançantes, bêbados, livres, lúdicos, cansados, vamos pingando fora um a um, cada qual com seu rumo.

Muito nos aguarda nos próximos dias.

22,3km 27.763 passos 1,7 a 7,8 km/h

Incrível, a bateria tá sincronizada
O ritual da Tete é longo.

A gente começa no Parque de
Caxias,
mas não pode ficar muito tempo
lá por conta da prefeitura

Oh concentra, cheguei
chegamos, Mari e eu duas
severudas, eu sento - iemaí
sevia urbana
das terras

3ª Via
cheios aí

Tocamos
que
com o
dizer
que fez
Davi nem
Vila Rica
circunale





Carnaval e' sobre a morte.

e' sobre compromisso

cuidado alegria

expressões ritual

extravagança
sagrado

na esquina

imreverência

ou no ritual.

girar no relógio, primeiro de frente,

depois de costas. de vez em quando
vamos!





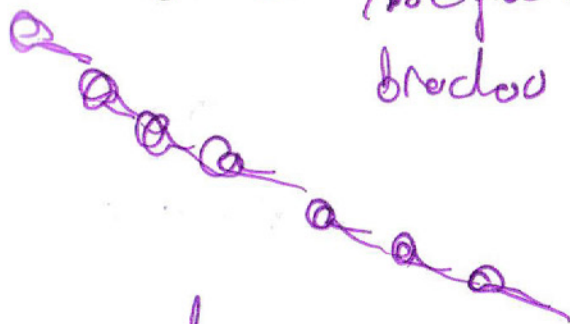
a grande pagode sobre um broche
até parece que não sobre mais
você reclama do meu

apogeu mole
para dois
que
brochou)

estado o céu vai

desenber (bóe faz drama pq

brochou e não quer continuar
a tremer)



um grande
drama

ai
desabouuuuu



TETÊ A SANTA

DIZEM QUE A TETÊ É UMA SANTA, QUE FAZ MILAGRE E COISA ET AL

MIGUEL JAVARAL

INTRO 1 2 4 1 2 2 4 1 2 4 2 1 4 2 4 1 2 2 3 4 4 1 2 4 6 4 2 6 4 2 6 2 1

8 4 4 4 2 2 1 2 4 1 2 4 2 1 4 2 1 4 1 4 2 2 2 3 4 4 1 2 4 6 4 2 6

15 4 2 6 2 1 4 4 4 2 2 1 2 1 5 4 4 4 2 1 1 2 4 6 6 6 6 5 4 4 4 2 1 1 2 4

22 6 6 6 6 5 4 4 4 2 1 2 1 4 2 1 1 6 2 2 4 1 4 2 1 4 4 6 6 5 4 2 1 1 2 4

28 6 6 6 5 4 4 2 1 1 2 4 6 6 4 4 4 2 1 2 1 4 2 1 1 1 2 3 1 4 2 2 1 D.S.

TROMBONE

BEAGÁ 23

Tetê a Santa

Dizem que a Tetê é uma santa
que faz milagre, coisa e tal
mas milagre mesmo, minha santa
é BH ter carnaval!

Mas nisso a Tetê não tá sozinha:
Mamá na Vaca já desceu lá na vaquinha
Eu quero ver o Tico-Tico serrar copo
e o Peixoto sorrindo pra foto

Eu vou sair com es Filhes De Tchá Tchá
Só quero ver quê que o povo vai rumá

Sou amarelo-ouro e rosa-choque
Tetê a Santa, ela é do rock!



Atenção, estamos em nesse
habitat natural

carnavalescos no carnaval

pinte no lixo

percebe no chiqueiro

preguiça na árvore

fudo a mesma coisa.



gente, de confusão, de melancolia
e calor e aperto e d'outra estranha
Solidarizar com estranhas
inventar cores e d'outra interpretativa

agui tá um soruru
um Xereteço m'elto

te tá a sorte: Sidica

= um exercício
de memória =



A festa é uma via crucis, uma peregrinação
é um bloco eterno

vai indo
não tem registro
prefeitura

autorizações
vai andando e mudando
emendando prazeres

eu já tô em casa, mas se
beber a galera ainda tá lá.
Minta a mim ainda está lá.

Uma hora acaba, minha

diz a santa
e sei flutuando
descendo a ladaina



teté
a Santa

4/2
domingo

muito
tarde
noite



22,3Km

2763 passas

1,7 a 7,8 Km/h

Bloco da Bicicletinha ^{8/2 quinta} ²⁰²⁴ noite

O bloco começou em 2014 com a galera do Piranhas (o que veio antes, a Bicicletinha ou o Piranhas?). A ideia maluca que dá certo: um bloco de bicicletas e outras rodas movidas à feijão, musicado por bicis e tricis tunadas com carretas de som. Fiquei na dúvida se o bloco caberia neste zine, afinal é mais ciclo do que pé. Mas ainda é pé, é cidade sendo desbravada, devassada por nós, possuídes pela energia brincante do carnaval.

Esse ano, a playlist do Bicicletinha foi transmitida pela 98FM a partir da meia noite, mas isso não quer dizer que todo mundo ouviu a mesma música ao mesmo tempo. Cada caixa de som fez do seu jeito, hora tocando a mesma play em diferentes faixas, hora sincronizadas pela rádio, e em momentos tocando qualquer outra coisa.

O bloco sempre faz várias paradas, pra galera se reagrupar, socializar, tomar uma, fumar um - vai com cuidado, ainda vamos rodar bastante! O tema é Baile de 10 anos, discoteca meets Marcos Valle. Começamos num ponto altíssimo da cidade, a Praça da Bandeira quase na Serra do Curral, e fomos descendo pelo bairro Cruzeiro triscando os freios.

Do nada, cai da bici.

Na Professor Moraes, descida leve quase reta,

enquanto tentava alongar a mão direita cansada de tanto breicar. Um ciclista experiente atrás de mim já parou de lado bloqueando o trânsito e tanta gente veio me ajudar que eu tive certeza que foi uma queda cinematográfica, confirmada pela Lua "eu tava na carretinha, então nem tinha como parar, mas do nada a roda girou e você voou, queria estar com uma câmera te filmando".

Rodrigo e Matheus me acharam logo em seguida, fomos pra Araújo do lado da Praça da Ciclista, a primeira parada do bloco. Se não fosse em BH, eu não conseguiria uma farmácia 24h tão perto, tão fácil. Primeiros socorros por cima da meia arrastão mesmo.

Nenhum ferimento que justificasse minha ida pra casa mais cedo.

Na Praça, já com o joelho limpo e anestesiado, encontrei Fabrício pela última vez. Fabrício, Fabrício Almeida, amigo de vários carnavais e festivais de arte, foi atropelado pouco depois, 12 de abril, enquanto pedalava no centro de BH. No nosso último encontro, fizemos a festinha histórica que sempre marcava nossos esbarros por acaso, ele usava a cabeleira farta e cacheada solta à la Gal Costa, camiseta adidas vintage vermelha, saia branca plissada. É como quero me lembrar dele, sorrindo com os lábios brilhantes de gloss sabor morango.

O bloco acabou oficialmente debaixo do Viaduto Santa Tereza, mas quem sabe sabe que o after é na Andradas, debaixo do Viaduto da Bicletinha.

A Bicletinha sempre acaba ali com o sol nascendo.

Sem clima pra isso, porém: não por causa da minha queda, não por premonição do último Bicletinha do Fabrício, e sim porque um outro brincante caiu e morreu, a caminho do after. Hegler Ayran, o Guiziga, que eu só via no carnaval, se desequilibrou da bici, se chocou contra a mureta do ribeirão Arrudas e caiu lá dentro. Não se sabe a causa exata, mas a polícia fez sua parte ao chegar com truculência e gás de pimenta na dispersão do bloco apressando as pessoas - pra quê, não sabemos, já que debaixo do viaduto não estamos atrapalhando trânsito nenhum.

Não é a primeira morte que acontece durante ou depois do bloco: estar sobre rodas aumenta o risco, estar sobre rodas com a mente alterada de sei lá que substâncias às 2h AM, também. Isso quer dizer que não volto mais nesse bloco? De forma alguma! Voltarei - com cuidados redobrados.

p/2 Bloco da Bicedetinha

Quem teve a ideia de comemorar os 10 anos da Bicedetinha começando na Praça da Bandeira? Isso! Graças a Sema do Carnaval, e a pré-piraabeira final, e exigência de uma dedicação que está tirando da festa pra cumprir: Quem mudou esse tanto de burro em BK? Aqui nem tem burro, e é só uma viagem.

Chegar lá em cima e ver a festa enorme no beirinho chegada de noite virante ponto de encontro toda cheia de gente linda fantasiada e a motorista mentada





Desobedi

eu? eu sou quem? o quê?

faço e falo que eu sou uma

fada

anjo

sereno

na minha frente.

fui com a mão que tava
no freio: a esquerda
espera
roda da frente
nas buchas!

a roda travou pro lado
eu fui esquerda
foi o primeiro rasgando girando
pra cima depois mão esquerda
no chão enquanto a bicicleta
voava pra cima de mim
eu queria minha coxa passar
por cima e caiu eu premei
lado e lá pro outro
estatelada





Só quem não cai
é quem não anda



sem a can esse sal que vamos tomar
nos próximos 3 dias

Vou ficar
uma cicatriz interessante

vou dar pra ensinar a teoria dos
conjuntos

esol am
nela.

com o
pele caes
ano

do bloco e
cuidar do
e seguir

Bff pra poder
machucado na mio
pedalando ansiosidade
e feliz.

continuamos

funcionando normalmente



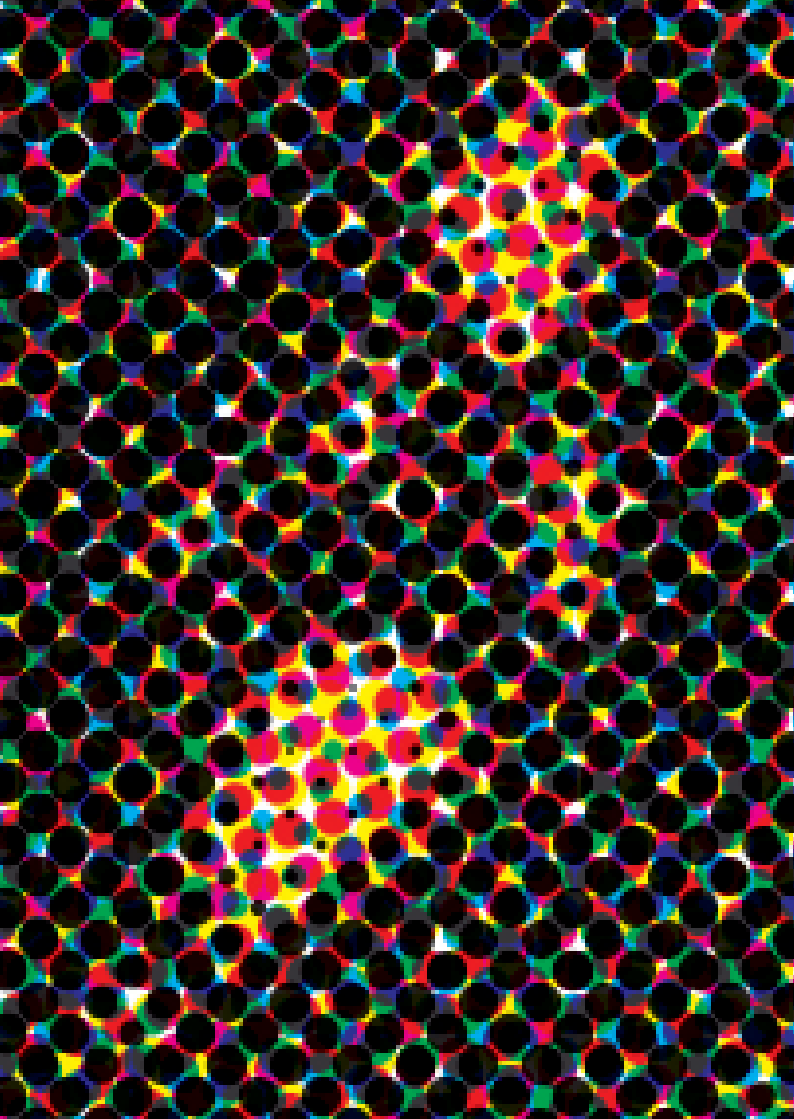
mi macru

algo, sua capa tá ao contrário!

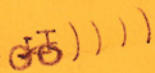
sério? que ruim!

→ eu tento que brilhar!





Barro da
Bicicletinha



8/2
quinta
noite



Bloco do Siricotico 10/2 sábado 2024 manhã

Eu, Clara Karmaluk e Mariana Rabelo fundamos o bloco em 2022, o “carneval que não aconteceu”.

Na quinta-feira à tarde, no meu grupo de carnaval no zap, a inquietação:

“Como assim não vai ter? Então vamos fazer”!

Espalhamos a palavra, a Andressa Cajá topou reger e sábado lá estávamos na pracinha sem nome sobre o túnel da Cristiano Machado, agora nomeada Praça do Siricotico. Foi épico, extravazante, inaugural do carnaval clandestino feito por pessoas vacinadas que não aguentavam mais ficar em casa. Saímos da praça a norte do túnel, passamos pelo Colégio Batista até a Praça da Lavadeira, a sul do túnel, seguimos até a passarela da Januária e de lá pra Praça da Estação, onde nos juntamos com quem veio fazer a Praia.

Em 2023, o bloco foi bem mais vazio: quase nenhum instrumento (nem a minha irmã Elisa topou trocar o Descendo a Ladeira pelo Siricotico), mas a gente saiu cantando alegre e bravamente, eu à frente com o microfone karaokê puxando as letras todas erradas.

É que eu invento as partes que esqueço.

Em 2024, acho que nos consolidamos no calendário da cidade. Chamei Rafael Alves do trombone e Victor Januário do trompete num canto e eles voltaram com uma idéia:

“Vamos passar em frente ao asilo?”

Umhas semanas pra trás, o Zodíaco de Aquário prometeu que ia passar por ali, mas a festa se dispersou antes de chegar lá. Respondei “Olha, a gente não ia não, mas podemos demais.”

Quem sou eu pra negar carnaval pra quem brincou antes de nós?

Tivemos tudo: orquestra de sopros e bateria, Sarah Viana na regência com malemolência, grávidas, crianças, bebês e pessoas com deficiência tocando e brincando junto, hino composto por mim e pelo Galvão, estandarte Desde 2022 empunhado pela Sofia, Elisa no saxofone, meu pai chegando depois fantasiado de pescador - minha mãe não quis ir, mas mandou o gonzá pra ele tocar. Só faltou a Marina, em São Paulo esperando a chegada da Ana T (minha carnavalesquinha do dia 13/2).

Na rua Ubá, antes de chegar no Doce Lar, um senhor centenário veio pra calçada na cadeira de rodas, acompanhado das cuidadoras. Fizemos festa pra ele.

Dobramos a esquina e as vovós e vovôs do Doce Lar estavam quase todas na varanda, as mais animadas fantasiadas.

Foi emocionante, elas choravam, a gente chorava, só eu pude entrar no asilo pra, do jardim, dar os 24 cataventos que trouxe pra elas brincarem com a gente. Uma vovó, ao receber um catavento rosa brilhante, exclamou “que lindo!” e o vento magicamente fez o brinquedo girar, tentei segurar as lágrimas.

Mais embaixo, no terraço de um predinho de 3 andares, uma senhora de 110 anos batia palmas no ritmo da banda.

Reenergizadas por esses encontros, seguimos, cada vez maiores. Na Célio de Castro, a polícia pergunta “que bloco é esse?”. Claudinho e Rafael negociaram, fecharam a rua pra nós: seguimos pela Célio de Castro até a Contorno.

O plano era encerrar ali e ir andando até a Praia. Cantamos o Hino do Siricotico mais uma vez, nos abraçamos, Rodrigo, Sofia e papai foram pra casa. Mas nossa sede não cessava, ninguém queria parar.

Êta êta êta êta, é a lua é o sol, é a luz da buceta êta êta. Vamos então em cortejo!

Adiante que o Siricotico tem fome!

Nem em meus sonhos mais loucos eu imaginei que a gente atravessaria a Sapucaí com tanta alegria, cruzaria o Viaduto Santa Tereza sem interromper o ritmo, chegaria debaixo do viaduto recepcionados pelo caos anárquico maravilhoso do Bloco da Praia.

“Vocês demoraram, hein?! Vamos!”.





ih, começou,
bateu o siricotico!

é rua! é sol!

é dança, é fantasia!



Siricotico + Praia ^{Sábado 10/2}
mãe representando 4 garças

Família toda cadernante

veinhas
criança down tocando

casilo ♥ cataventos
sra de 80 anos batendo palma

bloco profeta estúdio filme

doída tentando pegar o estandarte
mas não conseguiu...

* Peçoi de pescador

* Sofia porta estandarte

* Elisa re sex * Miguel na calçada

* Rodrigo apoio p/ todas as horas

inglês
p/ todos
nada

Coelão Matthews Clara Augusta
it mães que escolhi ♥ (Mei chegou na praia)

Primo do Siricotico
2022 - dondestino vacinado
23 - raro bloco
24 - quem não foi dorou arrependido depois!

Papa irmão do Miguel abraçou a causa
Vilão colou justiça
Sarah garantiu a regência
Claudinho ajudou na evolução e argumentação com a polícia

Calvones o hino conigo
Elisa veio de sex
Sofia veio!
Rodrigo veio e apoiou mil torcidas

Matthews os cataventos pras novás e novós
Clara veio de flamingo
Augusto veio de trombone
Marelo veio com o goro

Túlio veio de caixa e tantos outros!
Deo Gabi Letícia
Porta-estandarte
Sofia Apoio Lucas Creek
Ed Marte Lívia Apoio
Cléo plus pit. Leo Jazzman

aluno e Alex
fizeram as partes pras sopristas, diagramaram e imprimiram

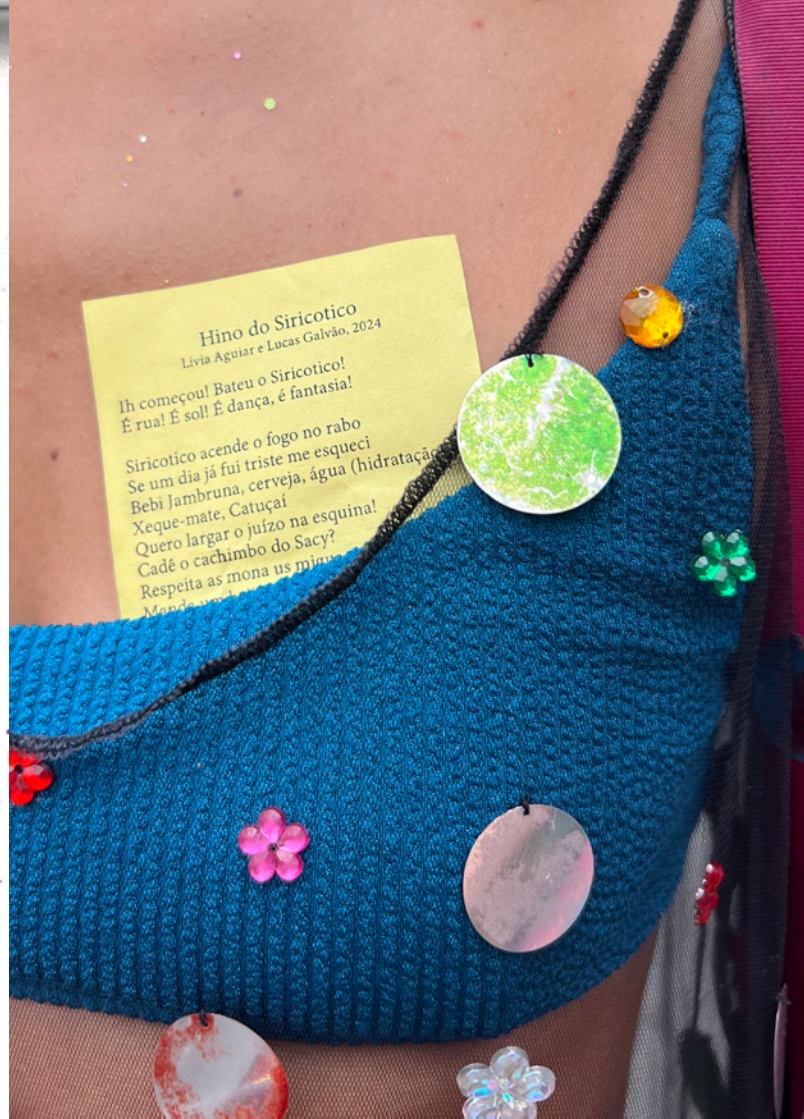
4 cores: rosa, amarelo, azul e verde
quase todo mundo ganhou!

Antes de servir mas, mamãe disse:

↳ tenta o genzão pro seu pai, mas fala pro
de tomar cuidado, que ele é meu,
foi presente de natal. =

e esse foi o feiço do de estar junto,
mes mo não gostando de carnaval
lache que ainda vou conseguir mudar
essa opinião dela.

A cada ano, na nova tentativa)



Hino do Siricotico
Livia Aguiar e Lucas Galvão, 2024

Ih começou! Bateu o Siricotico!
É rua! É sol! É dança, é fantasia!

Siricotico acende o fogo no rabo
Se um dia já fui triste me esqueci
Bebi Jambruna, cerveja, água (hidratação)
Xeque-mate, Catuçai
Quero largar o juízo na esquina!
Cadê o cachimbo do Sacy?
Respeita as mona us mimas
Manda...





Hino do Siricótico

0

Si - ri - co - ti - co - cer - de - o - fo - go - no - ra - bo / Se - um - di - a - já - fu - i - ris - te - mes - que - ci - Be - bi - jam - brua - cer - ve - ja - á - gua

7

Xe - que - mate - Ca - tu - ça - i - Que - ro - lar - gar - o - ju - i - zo - na - es - qui - na / Ca - dê - o - ca - chim - bo - do - sa - ci? / Res - pe - ta - as - mo - na - os - mi - que

14

Mã - dum - bei - jo - um - bei - jo - pras - tra - ves - ti / En - re - n - ça - fá - ra - ra - Brin - que - sem - re - ce - to - lar - ga - mão - de - vi - gar - o - cu - a - l - he - to

21

Si - ri - co - ti - co - ti - car! / Si - ri - co - ti - co - amor - vai - es - pa - l - har - Si - ri - co - ti - car!

29

Si - ri - co - ti - co - ti - car! / Si - ri - co - ti - co - vai - pra - ru - a - se - jo - gar

Copyright ©

Vovós, nós viemos por vocês
 agradecer nos muito a vocês, que
 vieram antes de nós, e estamos
 aqui trazer o carnaval. Nós
 a pandemia foi muito difícil, né?
 Que bairros que passou e pode nos nos
 encontrar de novo. A gente ama
 vocês!
 Bom carnaval!







Blau do
Sincotico

10/2
sa' bado
monta



Bloco da Praia 10/2 sábado 2010 tarde

A Praia nasceu em 16 de janeiro de 2010 como manifestação pelo uso público do espaço público. Um protesto festivo na recém reformada Praça da Estação que tinha chafarizes saindo do chão. Em sua primeira edição, nos reunimos ali contra o decreto fascista do Márcio Lacerda que queria proibir "eventos de qualquer natureza na Praça da Estação".

Fomos então pra Praia da Estação de biquini, canga, brinquedos de praia e instrumentos musicais. Fizemos contagem regressiva pras 11h, quando as fontes da praça seriam ligadas, mas o prefeito mandou fechar a torneira pra estragar nossa alegria.

O tiro saiu pela culatra, porque aí sim nos unimos mais: fizemos uma vaquinha e contratamos o primeiro caminhão-pipa, que virou tradição do carnaval da resistência de Belo Horizonte. Só dois anos depois a Denise Lopes, fantasiada de Chapolim Colorado, subiu no caminhão pra jogar água na geral. Talvez ela tenha subido à paisana nesse banho inaugural?

O protesto continuou, semanalmente, até a grande estréia do Bloco da Praia no sábado 13 de fevereiro de 2010, que marcou o começo do Carnaval de Rua e de Luta de BH.

Neste 10/2 de 24, não precisamos nem contratar a água: a prefeitura dispôs vários caminhões-pipa pela cidade, um deles propiciamente na Avenida Afonso Pena no sábado pela manhã, bem na hora que íamos passar por ali - o trecho mais difícil do trajeto, porque a avenida está sempre lotada de gentes e ambulantes que não sabem que um bloco precisa passar.

Não adianta tentar fazer corda. Tem que ser no mood Olinda, soprando pra cima e avançando entre as pessoas que não querem passar, fluindo como a água.

Do outro lado do funil, é quase que literalmente ladeira abaixo, felizes e cantantes rumo à Raul Soares. O ponto final é a fonte na grande rotatória enfeitada onde os mais corajosos também se banham.

Entendi que esse ano eu quero dois blocos por dia: um novo mais vazio e um clássico mais cheio.

Siricoticó + Praia 16,3Km 23.210 passos
2 a 6,9 Km/h



PRAIA DA ESTAÇÃO

FUI ME BANHAR NA PRAIA DA ESTAÇÃO, MAS ESQUECI O MEU FILTRO SOLAR

OMMAR MOTTA

A 4 1 4 2 2 2 2 4 1 2 4 1 4 2 2 2 2 4 5 4 4 2 1

4 4 4 4 1 2 4 4 2 1 2 4 1 2 1 4 4 1 4 4 1 2 4

B 6 6 3 1 2 4 1 2 2 2 1 2 4 1 2 4 1 1 2 4

6 6 3 1 2 4 1 2 2 2 1 2 4 1 2 4 1 1 2 4

6 6 3 1 2 4 1 2 2 2 2 1 2 2 4 1 2 2 4 1 4

6 6 3 1 2 4 1 2 2 2 2 1 2 2 4 1 2 2 4 1 4

TROMBONE

BEAGÁ 21

Praia da Estação

Fui me banhar na Praia da Estação
Mas esqueci o meu filtro solar
Agora saio no bloco do Tchá Tchá
Fantasiada de camarão

Tenho certeza que valeu a pena!
É um absurdo o tal decreto!
E se LaMerda curte u'a canetada
que dê uma canetada
no próprio reto

Que delícia nos funtornos no coletivos
Trax Karl, Ladeira, Pata de Leão, as lutas
os movimentos sincronizados sobem a
Taveras e empoeira no cruceamento com
a Afonso. Pera — parte crítica, com m...

Elisa parou pra
almocar na avenida
e voltou com mercurial!

Pera: Teoria das Cordas

Corda física → LIMITA

Corda Imaginária → EXPANDE

não dar corda nesse bloco. São 14 anos sem d
no e no 15º que vai ter, né? 15 anos de prof a
16 da tomada de
cornabellot









Bloco de
Praia 10/2

Sábado
tarde



16,3 Km

Silvatici + Praia 23.210 passos

2 a 6,9 Km/h



frade
+
sircotico

eu sempre acho que o último carnaval
é o único carnaval.

Anno VIIU:



Loira do Bonfim
(Aniversário de Marcelo)

11/2 domingo
2024 maréza

Domingo era dia de Tico-Tico Serra Copo, pioneiro do Carnaval de BH. Criado em 2009, a.P., antes da Praia, organizado pelo Roberto Andrés e + gentes do urbanismo. Em 2018 o Tico-Tico fez o seu maior feito: literalmente atravessar a Serra do Curral (pelo Túnel da Cristiano Machado) com o bloco inteiro e desaguar no Complexo da Lagoinha, área que já foi beira de rio efervescente, mas morreu com a construção de trocentos viadutos e nenhum mobiliário pra pedestres. Esse cortejo foi a glória absoluta pra mim e tantes que estavam comigo nessa travessia retumbante (de verdade: minha audição nunca mais foi a mesma), catártica e tão difícil de conseguir. Foram meses de negociação, descabelamento, idas e vindas na prefeitura, e, no calor do momento, foi o pulso do Andrés e a força de milhares de foliões na boca do túnel que conseguiram dobrar os nãos da PM. Depois disso, acho que o Roberto deu sua missão por cumprida. Em 2019 teve mas ele falou que não queria mais, em 2020 foi organizado pelas amigas do Baixo Bahia Futebol Clube, em 23 o Baixo Bahia organizou mas foi caótico e quase impossível de tão cheio, épico pra mim que cheguei quase no final, a tempo de participar do cortejo-aparição do bloco nudista Almas Peladas. Em 2024, foram categóricos: não vai ter Tico-Tico Serra Copo.

Para onde ir, então?

Se não me engano, a Loira do Bonfim começou em 2022, não lembro se em fevereiro ou em abril, e não sei se saiu em 23. Em 24, chegou a mensagem de convocação na noite do sábado, muito na miúda, anunciando que seria aniversário do Marcelo. O trajeto foi pensado pra ir passando de bar em bar, todo mundo já preparado pra receber a gente, terminando no Quintal do Degas. Sabia que seria um bloco pequeno, mas não tão pequeno assim! Tinha mais músico que folião. Pra ser bloco precisa ter folião curtindo, cheguei com essa missão, fantasiada de Prima Vera. A Loira não tem estandarte, não tem hino, não tem vendedor ambulante e eu nem sabia que chamava Loira do Bonfim, achava que era Aniversário do Marcelo. A melhor parte foi a presença animada e debochada do Igor Reyner e sua família. Meu amigo, poeta e pianista, se jogou na minha proposta de criar, no improviso, novas letras pras músicas que estavam sendo tocadas. Subimos várias ladeiras e mesmo assim chegamos rápido ao ponto final. Os pais do Igor, cabreiros de estarem entrando num beco de favela, relaxaram quando viram como o espaço é lindo. O sorriso que meu amigo abriu quando a gente entrou no Quintal do Degas foi cinematográfico! Fui direto pro chuveirão + piscininha, pra me refrescar. Depois me sentei à mesa com a família e desenhei o Joel. A chegada de uma pratada do incrível torresmo de barriga do Degas, uma tira em espiral proporção áurea perfeita, corou a manhã. À medida que o tempo passava, o povo que estava em outros blocos ia chegando, foi difícil conseguir sair pro Bandarerê. Ainda não descobri quem é Marcelo, o dito aniversariante.

Domingo:

Aniversário do Marcelo
+ Alípio Bandarerê

Sem Tico-Tico, qual o bloco? Menstruei logo cedo.
Tem Martinha no Alípio de Melo, geral achando que é o
Mão-Tico. Vamo no Aniversário do Marcelo? É paralelo!
Mão, copinho, vamos!
Pra onde?

Chegando lá, vozão, mais músico que folião! Raro!

Igor foi com a família: Cidinha, Joel, Gilberto.

Solo de flauta doce!

Só você pra
tirar o Igor
de casa, Leví!

Faltou
briga!
Ficou dissonando
fio em casa...

Adore esse meu poder!
que bom que cê veio, amigo.



Êta êta êta êta
i'a lva e' o sol i' aluz
de BUCETA...êta êta!





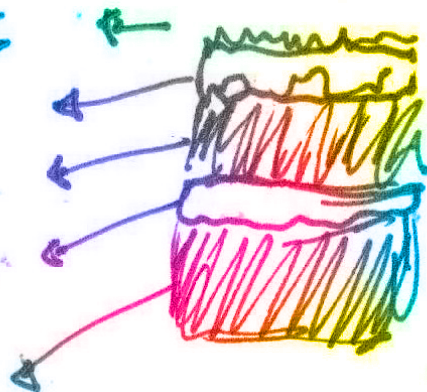
para gorrão se abrir: Dejes

sem bra sem bom c/ playlist boa
meses

prescinha!

Tomesmo de barriga

pele croc
gordura
carne
gordura
carne!



Anatomia
de
tomesmo
de
barriga
de verdade



Preparação
de torresmo
de verdade

+ Crianças



Joel Feyser esperando
o turismo
do Degas

Menhorinhas
do Bonfim
amaram o bloco.

O Reiver é sobrinho delas
e vai lá toda semana
disse que elas vão falar
desse bloco por mais de
um mês! ♡♡♡

Amigas
fantasiadas!
de esquadraochos

"Milha terapia tá p-
em dia"

"Essa letra dessa música
é linda, vou te explicar"



Coira do
Bonfim
(Aniversário do Marcelo)

11/2
domingo
manhã

Afoxé Bandareê 11/2 domingo
2024 tarde

Um dos blocos afro da cidade que eu já tinha visto em eventos de pós/pré carnaval, mas nunca tinha ido ao cortejo mesmo (sempre ia no Tico-Tico). Achei bonito, especialmente a ala de dança super contagiante. Esse negócio de bloco com trio elétrico, mesmo pequeno como esse, não me apaixona completamente.

Reencontro com os amigos que foram ao Bloco da Matchinha pela manhã (puxado pelo Tibeixa, reuniu a maioria das órfãs do Tico-Tico Serra Copo).

Achei meu Primo Vero, Matheus Gepeto, num golpe de sorte! Fizemos a dança de encontro das PrimaVeras ao lado de uma quaresmeira florida antes da hora.

Pisquei e de repente anoiteceu.

Banjim # Bandareê 8,7 Km 13.215 passos
2,1 a 5,8 km/h



Habitat natural: Carnaval

O problema de ter esse habitat natural é que não é fácil viver nele. Se você é um bicho anacrônico, e se você ir pra Amazônia, tá que ela tá sendo devastada, mas ainda está 24h/dia, todo dia, todo ano.

Carnaval não. Pra ter carnaval é preciso uma confluência de

lugar pessoas dispostas

↓ /
juntas, ao mesmo tempo

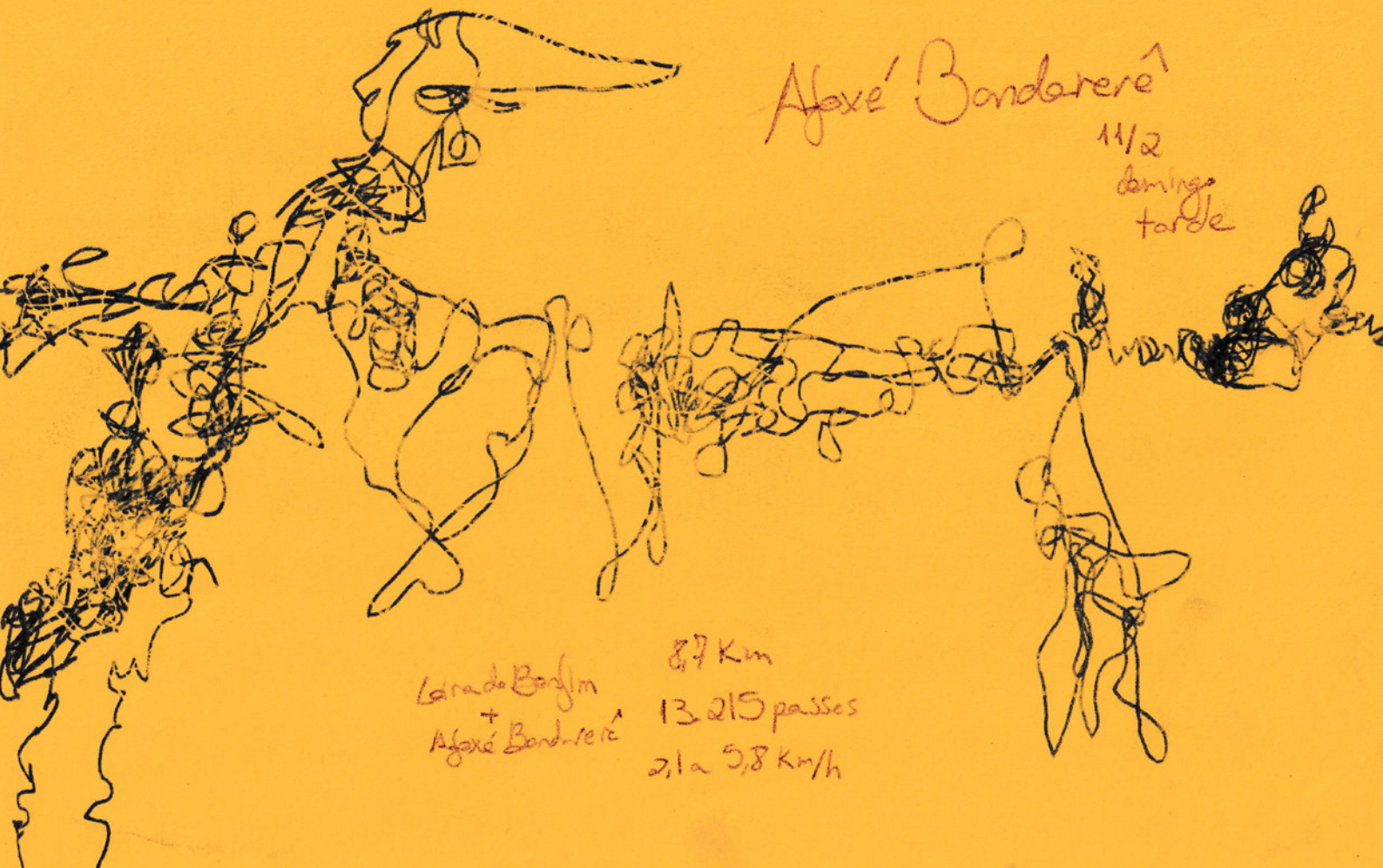
se não, não é carnaval.

Por isso, o carnaval se joga tanta no carnaval, afinal, é a única época do ano que seu habitat natural acontece.









Afoxe' Banderere¹

11/2
domingo
tarde

Lirado Bonfim
+
Afoxe' Banderere¹

87 Km
13.215 passes
21 a 5,8 Km/h

Estagiários Brass Bloco 12/2 segunda 2024 manhã

Elisa me chamou pra ser apoio no Estagiários, que eu nunca tinha ido. Geralmente segunda eu durmo pela manhã e encontro o Tcha Tcha depois do almoço. Mas a minha irmã convocou, eu fui. Estagiários é o nome da fanfarra que aceita todo mundo que quer tocar um instrumento de sopro. Eles organizam oficinas durante o ano todo e são responsáveis pelo crescimento de instrumentistas na cidade. Evoé!

Cheguei e de repente sou coordenadora de evolução. Decidi por mim mesma ao ver a situação, e geral aceitou. É que eu sei do babado mesmo. A minha abordagem é sempre pela corda imaginária, na qual cada folião é responsável por dar espaço pro bloco existir, sem corda delimitante. No começo, foi difícil pra quem está acostumado com a corda física. Tem umas pessoas que ficam viciadas em dar as mãos e fazer força e empurrar. É um poder e dá onda. Mas a verdade é que não precisa. A corda física apertada, a corda imaginária expande, muito mais a vibe do carnaval. Explico e todo mundo concorda. O cortejo nem tá tão cheio, todo mundo quer ajudar o bloco e todo mundo quer ficar perto da música.

O EbB faz um cortejo grande, todo cronometrado, cheio de momentos. Esse ano o tema é Espetáculo até debaixo d'água. Muitas criaturas marinhas e eu de nadadora enroscada em lixo plástico. Teve casamento com cerimônia feita pelo Glub do Glub Glub, ala circense, patrocínio de três marcas de bebida (difícil era conseguir beber água!). Além do boneco de urso símbolo do bloco, a linda baleia jubarte JanaNina abre alas.

Quase no final, me deixam vestir a JanaNina. Quem achou que eu ia ficar lá paradinha levantando as patinhas da baleia achou errado: saí correndo, abrindo caminho, rodando a praça, fazendo estripulia dentro de uma baleia de 3m de comprimento.

É a fanfarra com mais músicos na cidade - e não tem problema se nem todos sabem tocar perfeitamente. Afinal eles são estagiários, estão aprendendo.

12/12
Segunda

Castagários Brass Blaca +
Coletivo Três + Filhos de Tcha Tcha

A corda é imaginária gente, colabora

Corda física → limita

Corda imaginária → expande

Assim a teoria das cordas vai se formando
e sendo provada na prática

A corda física tem um tamanho definido
ela não permite limitar/apertar os
cantores do bloco

Na corda física, encolhimentos e
estica mentos naturais

quem faz a corda
sofre se esticando

quem é
empurrado
sofre do lado de fora

quem tá dentro,
especialmente atrás,
também sofre!

! só sofrimento!





Se vão lá de copacabana
redondo até aqui
e o lixo tanto de plástico
que garrou em mim!
A situação dos oceanos está
terrível! Assim não dá!





A gente precisa sachar

Um neme
pra você, pra que você faz
pelo carnaval.

♡ agite obra ♡

é uma coisa
tipo Rei Momo
nas suas caricaturas
e suas realizações

folião não!
folião é outra coisa

entrebicho: no desejo
- canto as músicas
pro pessoal cantar junto

tipo fotos - ríto - ajuda na evolução - coisas
e vídeos - brines - coordena a corda
dos momentos certos - animo atíva - imaginária

dança - contágio o balanço - ilumina
as vistas

carnaval é trabalhar
trabalhe bem gostoso
que faz com alegria
e dedicação

se vier me chamar
de folião, eu
azedo na hora!

1. Felipe Carvalhal





12/2
segunda
marka

Estagiários
Brass
Blace

Filhos de Tchá Tchá 12/2 segunda
2024 tarde + noite

Do EbB direto pro Concórdia, bairro operário de maioria negra onde o Filhos de Tchá Tchá (circa 2010) passa na trilha dos terreiros e reinados. Em 24 saiu sem o Tchá Tchá. Rafael, que agora mora no Rio, decidiu ficar por lá no carnaval. Mas tudo bem, os filhotes continuam a tradição. Quando cheguei, o bloco já estava na fase de subida pro ponto final, o Reinado 13 de Maio. O uber nos deixou na Rua Itararé, onde encontramos o Coletivo Erês finalizando seu cortejo. Bloco afro minúsculo, lindo, todo mundo vestido de branco. A homenageada Dona Ângela, chefe do quilombo que é sua casa, chorava com a mão no coração, a gente também. Depois da homenagem, fui procurar o Tchá Tchá. Bloco vazio é outra coisa! Aqui tá vazio? Não, mas as pessoas estão aglomeradas porque querem, olha o tanto de espaço que tem logo ali adiante.

Segunda de carnaval tem uma energia outra, é sempre assim. Metade do festival, a gente sabe que daqui em diante está acabando e não quer que acabe. O Tchá Tchá é o ponto final dos imorríveis, vai ficando mais cheio à medida que chegam os marítimos do EbB, os enlameados do Unidos do Barro Preto e quem mais estiver procurando um pós.

A festa sempre é no 13 de Maio, com tropeiro abençoado pela mãe Isabel e DJs tocando sucessos até altas madrugada. Mas esse ano o terreiro está em reforma, tiveram que mudar a festa pro Bar Ticum, em outra rua. A polícia chegou e não gostou, de novo os porcos comandados pelo Zema atrapalhando a festa. Exigiram que o bar fechasse as portas e limitasse a quantidade de pessoas lá dentro. Uma galera foi pro bar mais em cima, eu consegui entrar, mas não fiquei muito tempo. Amanhã tem mais.

Pensamento no uber da volta: acho que o Tchá Tchá precisa de um hino novo. A letra é basicamente uma ode biográfica ao Rafa, já com 14 anos de defasagem. "O baluarte da ciência social"... ahn?! Tanto que, apesar de ser uma marchinha do princípio de tudo e mesmo estando no LP Deita no Cimento (duplo, 19 músicas compostas entre 2009 e 14), quase ninguém sabe cantar nem tocar - e esse ano não entrou no caderno de partituras. Fica a missão pros Órfãos de Tcha Tcha, agora que o pai nos trocou pelo carnaval do Rio (drama).

EBB+FTT 15,7km 21.917 passos
16 a 8,1 km/h

chega de realidade virtual, eu quero
Realidade Orgânica
com suor, calor, cheiro de corpo suado colado
no meu











memãe não gosta de carnaval, mas gosta de fantasia e de tocar. Ela precisa ser representada pro carnaval.



Filhes de
Tchá Tchá

12/2
segunda
tarde

EBB
+
FTT

15,7 km
21.917 passas
1,6 a 8,1 km/hora



Truck do Desejo 13/2 terça café manhã

O único bloco de trio que eu não falto. Feito por mulheres lésbicas e bissexuais, não-binárias e transmasculinos, desde 2019. Eu sou parte dessa história, estive em todos os cortejos. Comecei na ala de dança e, depois que me mudei pro Rio, participo como porta-estandarte. O bloco começou como um bloco de mulheres lésbicas e bissexuais, mas, depois da pandemia tantas integrantes transicionaram, que precisaram expandir pra incluí-les.

Movimento bonito, bastante horizontal, cheio de DRs e discussões que culminam em resoluções propositivas. Sapatão resolve! A banda da Truck é muito boa e toca do alto do trio músicas de vários ritmos, algumas com as letras parodiadas, como a Flerte Revival da Letrux "Eu te vi nas artes sapa. Cê mexeu demais comigo. Tu é o revival da feiticeira." Sempre vão várias representantes políticas importantes pra cidade, Bela Gonçalves, Célia Xakriabá, Juhlia Santos, Iza Lourença, Duda Salabert, várias. Teve uma homenagem à cultura Ballroom com performances bafônicas, teve choro, teve beijo duplo, triplo, quádruplo, teve o refrescante caminhão-pipa, claro que com a Denise Lopes vestida de Chapolim jogando água em mim e todo mundo.

Com uma caneta permanente, editei o cartaz da bebida patrocinadora "beba com moderação" virou "ame sem moderação". O cortejo mudou de rua: era na Augusto de Lima esquina com Mato Grosso (sim piadas sobre não depilar a buceta), terminava perto do Armazém do Campo e da Boate Gis, onde tivemos vários ensaios. Aí esse ano foi na Av. Brasil.

O after tava marcado pro bar Yanã, ali perto, e o bloco ainda terminou pertinho de onde estavam os blocos do Peixoto (a.P., cria de 2009) e o Delírio Coletivo (desde 22 ou 23, não sei bem).

Eu queria muito continuar, queria muito aguentar, ficar de pé, dançar, brincar, mas meus pés doíam demais.

Melhor ir pra casa e descansar pro Manjê.

9,4km 13.339 passos 2,6 a 7,5 km/h



12 Truck do Desejo

tentativa

Delírio

não fica Enquanto
Dura

SOMOS
MULTIDÃO sistema

u até o último minuto não tinha
decidido totalmente a fantasia

A frase definiu tudo: TADA

escrita nas costas,
brincando com a minha
tatuagem

FORMA
DE
AMOR

↳ fomos juntas pro bloco e não nos encontramos
mais! Se perdeu na multidão
vestida de body coração rose
coração aberto pra novas pessoas.

Pessoas lindas, são excelentes cantoras
afinadas, carismáticas, emocionadas

O cartêjo da Truck sempre entrega tudo!

O amor é força livre expansiva
multiplicadora

quatro + sete, } amor)
mais setem) i r r a d r a)
cantiga)
cure)

Ver as amigas felizes
chorar com elas
gargalhar com elas

guardo cada uma
dessas vivências
no centro do cérebro
na biblioteca de
sentimentos, pra acessar
quando a tristeza vier





≡ Amarelo

Beba ~~com~~ moderação

Sapatões resolve tudo! Cada ano um cor

"Ballroom" = mais diversa

Trans-bateria

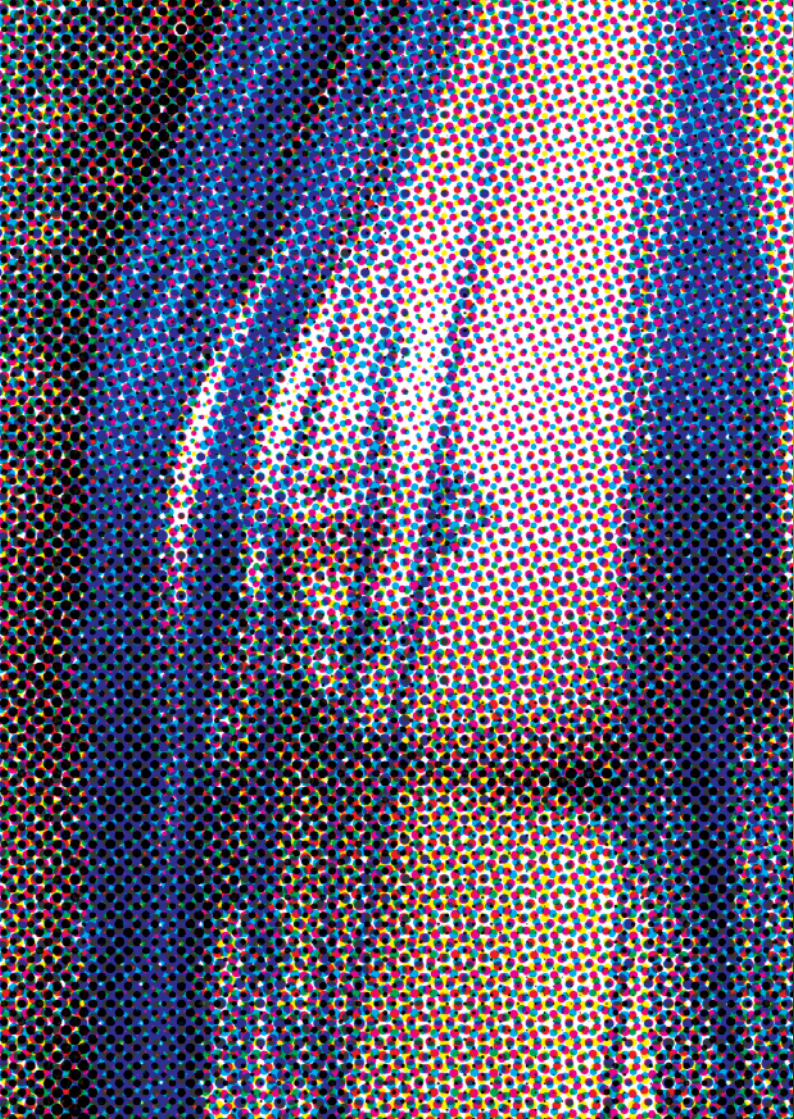
"Amores de todas as

Trans-dança

Trans-estardarte

formas
corais





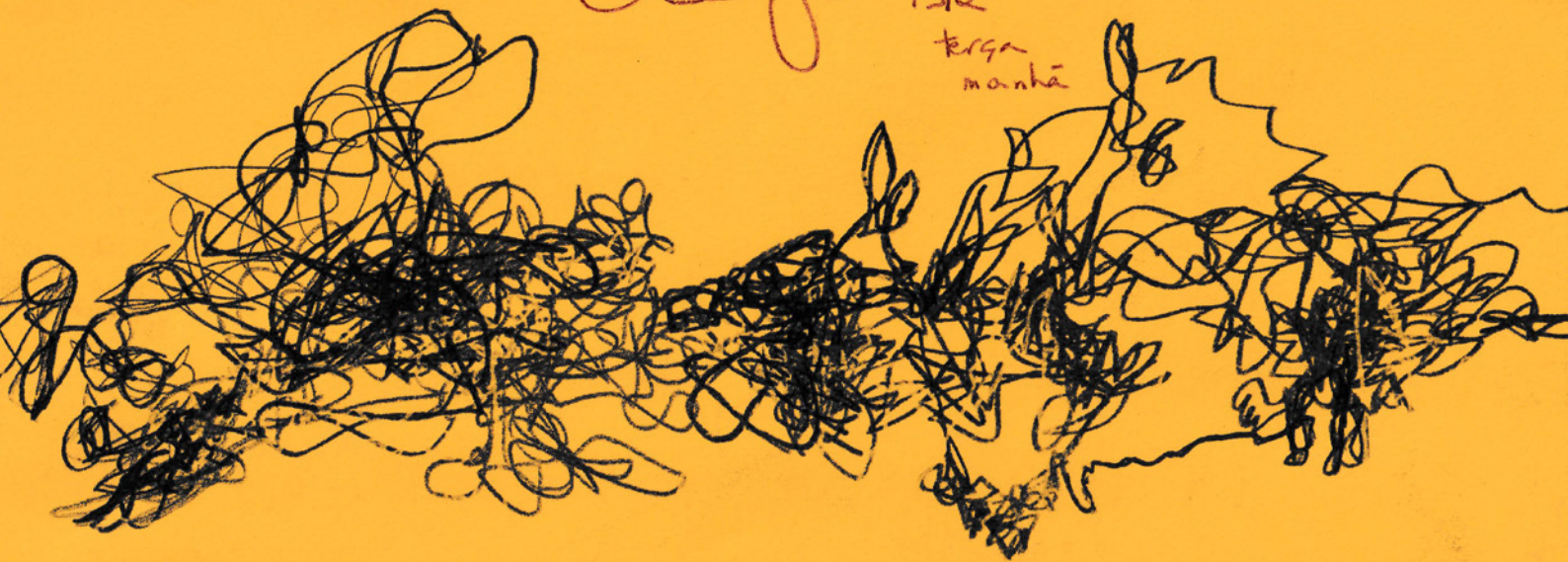




Truck do
Desejo

13/2

terça
manhã



9,4 Km
13.339 passos
2,6 a 7,5 Km/h



queria continuar,
nos. Delírio é aqui do
lado.

Bloco do Manjeriçãõ ^{14/2 quarta-feira de -} ₂₀₂₄ ^{cinzas}

Unidos pela legalização da maconha, capitaneados por Jana Macruz. Jana também é a autora do mítico email de janeiro de 2010 convocando a turma a criar blocos “pros dias que faltavam”, visto que já tinha o Mamá na Vaca no pré, o Tico-Tico no domingo e o Peixoto na terça. Cada bloco precisava ter trajeto, estandarte e hino. Depois alguém reuniu tudo, traduziu pra partitura e distribuiu pro pessoal aprender a tocar - tudo feito na pressa pra estrear na segunda quinzena de fevereiro.

Ah, eu queria ter estado nesse carnaval de 2010, mas morava em São Paulo na época. Em 2011 eu fui e deu pra sentir um gostinho dessa energia do começo, certamente o pessoal já estava um pouco mais ensaiado em comparação ao caos explosivo de vontade do ano 1. Os primeiros Manjês começavam às 4h20 da tarde em Santa Tereza, mas em 2016 passou pras 4h20 da manhã, pra evitar as duras da polícia, e desde 2017 também começou a variar de trajeto. A meta é passar por lugares com natureza: já foi no Parque Lagoa do Nado, no canteiro central da Av. José Cândido da Silveira, na orla da Lagoa da Pampulha, no Parque das Mangabeiras, em ocupação Sem-Terra no Taquaril - onde rolou a icônica versão de Carinhoso em “auauês” pra doguinha que observava o bloco passar.

Em 24, Jana aceitou começar o bloco às 8h40 (o dobro de 4h20?) e lá fomos nós pro Parque Ecológico Roberto Burle Marx, no Barreiro. A primeira vez de muitos nesse imenso espaço verde na fronteira sudoeste de Belo Horizonte. Começamos e terminamos no parque, saindo de uma portaria e entrando por outra, passando pelo primeiro terreiro de candomblé da cidade, onde fomos recebidos com muito carinho e generosidade.

Foi o Manjeriçãõ menos rouco e com mais maconha que eu já fui, o que significa maturidade e sapiência no autocuidado. Já são 15 anos de carnaval de rua e de luta de BH, que delícia! Uma das minhas missões do dia era fazer o Almas Peladas acontecer. Seria nossa última chance esse ano! Ed Marte e Jon estavam comigo na missão, mas 1) o nosso belo estandarte nu estava na casa de Jovi e 2) faltou a presença de Juliana Perdigão e Fernando Soares, intrépidos e despidorados criadores do bloco-acontecimento que surge no apagar das luzes de outro bloco. Quando o caminhão-pipa do Manjeriçãõ chegou, teve quem brincasse de escorregador na lama, o ambiente parecia propício. Arranjei um cabo de vassoura que chamei de estandarte e saí espalhando a palavra. Alguns se desnudaram parcialmente quando convocados, mas, no final das contas, não deu certo. Faltou instrumentista pelado.

11,5 km 16.218 passas 1,9a 7,5 km/h

11/2 Minguetão + Babadão + Bloco
Almas Feladas da
Saúde

Nas lanças do Forquê das Águas
no Barreiro,

nos concentramos 8h40

desconcentrados pelas loucuras
kembranças
consagens

Ainda não
acabou, hoje tem mais

capitão
presença
Dorivaldo
velo!





Ainda não
acabou, hoje tem mais
Trouxe minhas coisas
Esse é o mangueirão
menas louca
que eu já vivi.
Pessoal cantando a plenas
coro de loucas imortáveis.





Rega rega rega regado-or!
Rega as plantinhas com amor
quando ela for tiver grandinha
corta e bota fogo na florzinha!
Je o Brasil legalizar, até de lá
Eu vou plantar!



Mija, você fez xixi?? tudo no
↳ Não, eu não faço xixi no carnaval.
Eu bebo, bebo água. não bebo cerveja
e suco da toda as longobódia. Pliw!

A Palestina quer tanto ser livre que o
adesivo da bemberrã não pára de
querer sair do meu rosto!
Libertem a Palestina!

o! mha fe

MANJERICÃO

NÃO VOU COMPRAR MANJERICÃO. EU VOU PLANTAR NO MEU JARDIM

BLOCO DO MANJERICÃO

1 4 2 1 2 4 1 4 1 4 2 1 2 1 4 3 4 2 1 3 1 2 4 1 1 2 4

1 3 1 2 1 1 4 2 1 1 4 2 1 4 2 1 4 1 1 2 4 1 1 1 1 1 1 1 1 1

1 1 2 4 1 4 1 1 1 2 4 1 4 1 1 1 1 2 4 1 4 1 1 3 1 2 4 3 4

3 3 3 3 1 3 1 4 1 4 2 1 4 1 1 2 4 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1 1

D.S.

TROMBONE

BEAGÁ 20

Manjericão

Não vou comprar manjericão
Eu vou plantar no meu jardim
Se todo mundo plantar um
Manjericão não vai faltar pra mim!

Manjericão é muito bom
Manjericão é natural
Manjericão para a bronquite
Manjericão para abrir o apetite

Hoje comigo ninguém pode
Não vou ficar de bode
Não vale dizer não
Vem! Não dá pra viver sem!
A gente sempre tem no
Bloco do Manjericão

Man-manjericão
depois te encontro na larica do Bolão





Não tenho mais bateria
nae gravos na memória:

estender de terno
do Bloco da saudade

• Citações
ficando
animadas na 4ª feira de cinzas
(pq não pularam todas as outros dias como a
gente)
de jogaram

• pessoas do bairro mesmo
fazendo o bloco

Blaco da
Manjerição ✱

14/2
quarta-feira
de cinzas ?

11,5 Km
16.218 passos
1,9 a 7,5 km/h



O pessoal estava preocupado em voltar pra região central da cidade, eu não queria que o dia acabasse nunca. Sem bateria no celular, peguei um taxi com Babi e Terhi, finlandesa que estava vivendo o carnaval do Brasil pela primeira vez, até o Colégio Batista. Lá, o bloco afro Babadan estaria quase acabando - no caso, acabou de tocar a última música enquanto estávamos chegando.

E agora?!?! Lembrei do Bloco da Saudade, que descobri em 2023, eu e Terhi rumamos pra lá. O bloco acontece nos arredores do cemitério da saudade, e seu objetivo é enterrar o carnaval. É organizado pela comunidade do bairro, tem repertório próprio e gente que não vejo em outros blocos. Um caixão com o "morto" circula dentro de uma caminhonete, abrindo alas. O cortejo termina na porta de uma casa onde nos servem, gratuitamente, uma sopa de galinha deliciosa, decorada com um tétrico pé de galinha cozido. Começa a cair uma chuvinha fina e gelada, minha pouca fantasia não me protege o suficiente. Com o estômago cheio e quentinho, agora sim: posso ir pra casa.

No uber da volta, percebi que a polaroid do dia, tirada pela Anna Urbietta, não estava mais comigo. Qual não foi a minha surpresa quando, ao encontrar Terhi para ir a uma cachoeira no dia seguinte, ela me perguntou se eu reconhecia a pessoa numa polaroid que ela encontrou na grama do parque.

Milagre de carnaval!

5ª feira, dia de dormir e lavar roupa

6ª feira -> cachoeira e ritual de ano novo no Tongará. Chamei a Terhi,

da topou, fomos de ônibus até Rio Acima e Zac nos buscou lá na rodoviária.

Terhi tinha achado minha polaroid!!

Milagre de Carnaval!!

Sexta, dia de Oxalá, coltemos 2 folhas de balde pro ritual de ano novo na cachu.

Oxalá + Oxum abençoaram a gente. ♡

Fiz almoço com legumes da horta do Zac.

Voltamos a tempo de entrar no ônibus de volta pra BH! Confabulando a saída de Uira o Jonte no sábado...



1/10/01



1/10/01
1/10/01
1/10/01



Vira o Santo 17/2 sábado
2024 manhã tarde + noite

Talvez o segredo mais bem guardado do carnaval de BH seja o fato de que o Vira o Santo é um bloco de verdade, e não o nome do Encontro de Blocos do sábado de pós-carnaval.

Não sei porque isso é segredo, nem acho que deveria ser um segredo e a Silvia Herval, que puxa o Vira, tampouco me pediu pra guardar segredo. Mas aconteceu de pouca gente saber desse bloco de estandarte rosa claro com um santo de cerâmica costurado de cabeça pra baixo, que passa despercebido no meio de tantos estandartes em riste no marco zero de BH. No primeiro cortejo (2010) e em vários que se seguiram, o pessoal saiu da Praça Cairo e pegou um ônibus até a Praça da Estação, onde os outros blocos todos se reuniram. Já tem um tempo que o trajeto varia.

Esse ano, sugeri começarmos onde começou o Siricótico, na Praça da Lavadeira. Seria fácil descer escorregando pela Januária até debaixo do Viaduto Santa Tereza (a Praça da Estação em reforma dá um aperto no coração)? Seria.

Mas uma chuva caudalosa resolveu cair sobre nós! Nos refugiamos num boteco da Januária e colocamos algumas músicas na jukebox pra esperar o aguaceiro passar sem desanimar. Fomos pouquíssimos, no máximo 13, inventando letras e melodias, agitando os vários estandartes, quase que um pra cada folião.

Na saída do túnel do metrô Central, encontramos o Filhotes, esse sim munido de instrumentistas, fantasiados de animais selvagens e domésticos. A galera foi chegando: o bloco Toca Raul carregando uma enorme bandeira da palestina, o Ziriguidum Stardust cheio de pessoas brilhantes, estandartes de blocos que desfilam o carnaval inteiro, fomos nos aglomerando no palco debaixo do viaduto, fortalecendo nossas lutas com alegria e afrontosidade.

Acho que já eram umas 22h quando a polícia cansou de nos esperar cansar e tentou nos dispersar com gás de pimenta. De novo esses porcos. Isso que a gente não estava interrompendo trânsito nenhum, nada, só queriam nos controlar mesmo.

Metade do pessoal continuou fazendo a festa ali mesmo, a outra metade subimos pro Bar do Xaxá, em algum lugar no centro que agora não consigo entender bem onde é. Fomos caminhando e cantando e seguindo alguém que sabia e lá no Xaxá havia DJ, bebidas, comidas, tudo pra nos permitir continuar rumo ao infinito. Esse negócio de Inimigos do Fim só espalha a intolerância, melhor mesmo ignorar o fim, ignorar o cansaço, ignorar a hora, e seguir.

Nós ainda estamos lá, dançando, tocando e brincando até hoje.

Encontro de blocos 15,6km 22.519 passos
22 a 6.5 km/h



Sermos

Tentei convencer os músicos, mas foi difícil,
 a participar
 muitos doentes (Covid, dengue, maceta vírus). os outros já
 com seus blocos de compromisso. Por isso o Viria o Santo
 e' pequeno, são os agitadores do começo do carnaval que
 não tocam instrumentos que poram o bloco.

Combinamos um café coletivo, comprei uma enorme
 melancia pra compartilhar. Símbolo da Palestina.
 Por causa dela, (do ^{responsabilidade} peso), não levei o estandarte do
 Sircotico, mas ^{Volume} imprimi várias letras de Hino, pra



Quando o brio acabou, a chuva também tirou
do freixo. VAMOS! ou meu corpo vai esfriar.

Descemos cantando, rindo, insistentes. Sestondar
tes
pra 10 pessoas.

Um bloco de carnaval existir, não precisa
de muita gente, mas é preciso ter
gentes com a disposição necessária.

Risadas de roseos delírios coletivo, nem
todo mundo na rua aprovou, mas a gente sim.

... Mit ... Via o Santo

na madruza badona sentada na
esquina

as gay as bie as trans e as
sapatão tão juntotudo
com as preta
pra fazer revolução

Salta o esportinho que eu não sou,
de ninguém!





PROCURAMOS FAZER
O IMPOSSIVEL PARA NÃO
DESSARMOS VERGONHA.
MUITO OBRIGADO.
VERGONHA UM BOM DIA

Solar: No lado do joelho também
segura o estandarte prev alongar? Tô
com uma dor aqui em cima do peito e
é de tanto segurar bandeira pro alto!
hoje peitorais! e tríceps também
me apoio numa placa de proibido estacionar,
alongo os dois peitorais, depois as coxas
uma sacudida nos pés e tô novo, posso
alter braços estendidos sacudindo o
estandarte do Bloco Camum tão leve e brin-
Lote



Se, em essa de infinitude, não sou inimiga de ninguém
Aqui é proposição positiva amiga do infinito!

Quem quiser gostar de fim, pode ir, eu sou amiga do
que nunca termina porque nunca começou! O fim
é o começo

sem fim

vida morde vida o bobo a
cobra mordendo o próprio rabo
envolvendo o mundo.

Atravessamos por outro ~~lado~~ lado

Amigos do infinito!

O símbolo é uma fênix
que da 4ª feira de cinzas

renasce renovada. 





...pi pé, não cansa...
Vão embora, miço? E quero ficar
estou exausta!

Quero ir embora, mas não
tá muito bom aqui.



Vira o Santo

17/2
sábado
manhã
tarde
noite

Vira o Santo

↓
Filhotes

↓
Toca Real

↓
Zingidun
Stardust

↓
Inimigos da Fim

Amantes da Continuidade

Filhos do Infinito

∞

não acabou, continua onde houver
música na rua e gente receptiva

Encontro de
Blocos

15,6 Km

22.519 passos

2,2 a 6,5 Km/h

Hino do Siricotico
Livia Aguiar e Lucas Galvão, 2024
Ih começou! Bateu o Siricotico!
É rua! É sol! É dança, é fantasia!

Hino do Siricotico

Livia Aguiar e Lucas Galvão, 2024

Ih começou! Bateu o Siricotico!
É rua! É sol! É dança, é fantasia!

Siricotico acende o fogo no rabo
Se um dia já fui triste me esqueci
Bebi Jambruna, cerveja, água (hidratação!)
Xeque-mate, Catuçai
Quero largar o juízo na esquina!
Cadê o cachimbo do Sacy?
Respeita as mona us migue e as mina
Manda um beijo, um beijo pras travesti

Entre nessa farra, brinque sem receio!
Larga mão de vigiar o cu alheio...

REFRÃO:

SI-RI-CO-TI-CAR! SI-RI-CO-TI-CAR!
Siricotico o amor vai espalhar
SI-RI-CO-TI-CAR! SI-RI-CO-TI-CAR!
Siricotico vai pra rua se jogar!

O carnaval nunca acaba
de segue o flexão

— Só há um dever: amar. E para o resto, eu digo não.
Eu digo não com todas as minhas forças.



casa

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

AGUIAR, Livia. **Siricotico zine**. Belo Horizonte: edição independente, 2019.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1993.

CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. São Paulo: Gustavo Gili, 2017.

DANIEL, Artênus. **BH Anos 10**. Belo Horizonte: edição independente, 2024.

GAVA, Djuly; LEÃO, Daniel. **Sobre a moral: Albert Camus**. Miriade: Florianópolis, 2016.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2014.

KERN, Leslie. **Cidade feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2021.

LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

OMAR, Arthur. **Antropologia da face gloriosa**. São Paulo: Cosac & Naify, 1997.

O'ROURKE, Karen. **Walking and mapping: artists as cartographers**. Cambridge: The MIT Press, 2013.

PIRES, Ericson. **Cidade ocupada**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016

SALOMÃO, Waly. **Algaravias: câmaras de ecos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

WEBSITES

#BH122: A história do carnaval e da capital. Portal Belo Horizonte: Belotur, 18 jan. 2020. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20240401143842/http://portalbelohorizonte.com.br/carnaval/bh122-historia-do-carnaval-e-da-capital>. Acesso em: 20 ago. 2024.

MAIA, Marcos. **Historiador aponta que Belo Horizonte nunca deixou de viver o carnaval.**

Portal UAI, 5 fev. 2016. Disponível em: <https://www.uai.com.br/app/noticia/pensar/2016/02/05/noticias-pensar,176804/historiador-aponta-que-belo-horizonte-nunca-deixou-de-viver-carnaval.shtml>. Acesso em: 20 ago. 2024.

Baianas Ozadas refaz primeiro percurso do Diabos de Luneta. Estado de Minas, 8 fev. 2016. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/02/08/interna_gerais,732424/baianas-ozadas-refaz-primeiro-percurso-do-diabos-de-luneta.shtml. Acesso em: 20 ago. 2024.

VENTURA, Thiago. **Carros fantasiados marcam história do carnaval em Belo Horizonte.** Diário de Pernambuco, 3 fev. 2016. Disponível em: https://diariodepernambuco.vrum.com.br/app/701,12/2016/02/03/interna_nostalgia,51775/carros-fantasiados-marcam-historia-do-carnaval-em-belo-horizonte.shtml. Acesso em: 20 ago. 2024.

Bloco de Pré-Carnaval Banda Mole. Agenda BH, 15 dez. 2014. Disponível em: https://web.archive.org/web/20141216003704/http://www.agendabh.com.br/turismo_detalhes.php?CodEve=10413. Acesso em: 20 ago. 2024.

CAMILO, José Vitor; OLIVEIRA, Raíssa; OLIVEIRA,

Rayllan. **Com praça da Estação fechada em 2024, o que muda no Carnaval de BH?. O Tempo**, 22 jan. 2024. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/carnaval/2024/com-praca-da-estacao-fechada-em-2024-o-que-muda-no-carnaval-de-bh-1.3310582>. Acesso em: 20 ago. 2024.

FOTOGRAFIAS

Todas as fotos são de autoria de Lívia Aguiar, com exceção de:

CESTARI, Thiago. Página 172.

FREITAS, Beth. Página 251.

HERVAL, Sílvia. Páginas 320 e 321.

LOBATO, Ricardo. Páginas 86 e 87.

MAIA, Carla. Páginas 188 e 189.

URBIETA, Anna. Fotografias polaroids. Páginas 139, 141, 198, 214, 216, 253, 266, 288, 315.

ZSCHABER, Lorena. Página 162.

DESCONHECIDOS (na verdade eu esqueci quem tirou pedi pra alguém não sei quem). Páginas 33, 150, 171, 172, 173, 190, 191, 205, 236, 237, 332, 333.

